

MARIA JOSÉ RODRIGUES DA CRUZ

**A INTER-RELAÇÃO
TRABALHO/FAMÍLIA NA
ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO DAS
MULHERES FUNCIONÁRIAS DA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM
BOSCO - UCDB**

MARIA JOSÉ RODRIGUES DA CRUZ

**A INTER-RELAÇÃO
TRABALHO/FAMÍLIA NA
ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO DAS
MULHERES FUNCIONÁRIAS DA
UNIVERSIDADE CATÓLICA
DOM BOSCO - UCDB**

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de História Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Franca, em convênio com a Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS, para a obtenção do título de Mestre em Serviço Social, na área de concentração: Serviço Social Trabalho e Sociedade, sob a orientação da Profª Drª: Noemia Pereira Neves.

Franca
2000

Dados Curriculares

Maria José Rodrigues da Cruz

Nascimento	19.03.1953
Filiação	Osvaldo Rodrigues Ferreira Judith Pereira Ferreira
1972/1976	Curso de Graduação em Serviço Social, nas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso - FUCMT
1979/1985	Coordenadora de Estágios do Curso de Serviço Social, das Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso – FUCMT.
1985/1991	Vice-Diretora do Curso de Serviço Social das Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso – FUCMT.
1983/2000	Professora das disciplinas Estágio Supervisionado I e II e Orientação de TCC I e II, no Curso de Serviço Social, das Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso, hoje, Universidade Católica Dom Bosco.
1992/2000	Coordenadora do Departamento de Ação Comunitária da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB
1998/2000	Curso de Pós-Graduação em Serviço Social, nível de Mestrado, na Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca - UNESP, em convênio com a Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.

COMISSÃO JULGADORA

Presidente e Orientadora_____

1º Examinador_____

2º Examinador_____

AGRADECIMENTOS

Ao término desta pesquisa, quero expressar meus agradecimentos àqueles que, de diversas formas, participaram dela, tornando possível a sua realização.

À estimada orientadora, Prof^a Dr^a Noemia Pereira Neves, com carinho e gratidão, pela disponibilidade, orientação firme e segura.

Ao meu querido esposo, Ariovaldo Ortiz da Cruz, companheiro das horas mais difíceis, pelo apoio, incentivo e a digitação deste trabalho.

Aos meus queridos filhos, Marcelo e André, pela paciência e compreensão com a minha falta de tempo e humor.

Às mulheres, sujeito desta pesquisa, que comigo compartilharam suas vidas, por terem acreditado neste trabalho e contribuído para sua concretização.

Aos familiares, sujeitos desta investigação, que permitiram que eu invadissem seus lares e ocupassem seu tempo, toda minha gratidão.

Heroína Anônima

	Mulher esquisita Mulher bonita Mulher sofisticada Mulher amargurada Mulher cansada.
Mulher idosa Mulher carinhosa Mulher independente Mulher impaciente Num mundo demente.	
	Mulher evoluída Mulher sofrida Mulher progressista Mulher ativista Mulher na conquista.
Tudo que conquistou É seu direito Mas no magro peito Não tem medalha Só tem as marcas Da vã batalha.	
	Mulher moderna Mulher sozinha Optou pelo mundo Em lugar da cozinha.
Mulher perseguida Que entrou na briga Quebrando tabus Mostrando valor.	
	Mulher consciente Que não consente Em ficar presente Como mera espectadora!!

Odila Schwingel Lange

SUMÁRIO

<u>Introdução</u>	10
<u>Capítulo I</u>	15
• <u>A Pesquisa</u>	15
1.1.- Caracterização do universo pesquisado.....	15
1.2. Metodologia da pesquisa.....	27
1.2.1. Seleção e Caracterização dos sujeitos.....	27
1.2.2. O método escolhido.....	31
1.2.3. Instrumentos e procedimentos da Pesquisa.....	34
<u>Capítulo II</u>	40
• <u>Considerações sobre as categorias de análise</u>	40
2.1. Cotidiano.....	41
2.2. Mulher.....	45
2.3. Trabalho.....	56
2.4. Família.....	65
<u>Capítulo III</u>	76
• <u>Resultados: discussão e análise dos dados</u>	76
3.1. O cotidiano das mulheres funcionárias da UCDB.....	76
3.2. A mulher e o trabalho.....	95
3.3. A mulher e a família.....	111
3.4. A organização do cotidiano das mulheres na inter-relação trabalho/família.....	123
<u>Considerações Finais</u>	134
<u>Bibliografia</u>	138
<u>Anexos</u>	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização da escolaridade das funcionárias da UCDB.....	25
Tabela 2 – Caracterização da faixa etária das funcionárias da UCDB.....	26
Tabela 3 – Caracterização do estado civil das funcionárias da UCDB.....	26

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Caracterização da amostra.....	29
---	----

RESUMO

O acelerado processo de urbanização, a partir dos anos 50, acompanhando a industrialização e o crescimento econômico, trouxe mudanças nos valores e a redefinição dos papéis da mulher. Com as transformações ocorridas na sociedade, a subsistência das famílias foi-se tornando cada vez mais difícil, o salário dos maridos não era mais suficiente, e as mulheres precisavam trabalhar e contribuir para o orçamento doméstico. Desta forma, a mulher, hoje, descobriu-se enquanto ser social, está revisando seu espaço organizacional e passou a fazer parte do mundo do trabalho. Está assumindo uma dupla jornada de trabalho, pois continua exercendo suas funções de dona de casa, esposa, mãe e, muitas vezes, também desempenha o papel de chefe de família. Dado essas modificações que vêm se processando no decorrer dos anos, em relação aos papéis e funções desempenhadas pelas mulheres, entendemos ser significativo investigar o que se passa com este segmento da população e como tem conseguido conciliar a relação trabalho/família. Assim sendo, o presente estudo analisa o enfrentamento das questões trabalho/família, no cotidiano das mulheres funcionárias da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, para verificarmos se o trabalho lhes dá condições de um maior crescimento profissional, social e intelectual e se está propiciando melhoria da qualidade de vida às famílias. A pesquisa está embasada no referencial teórico do materialismo dialético, do tipo qualitativa. O universo foi constituído pelas mulheres do corpo docente e técnico administrativo da UCDB, representado por uma amostragem de 04 funcionárias, sendo: 01 professora, 01 do setor administrativo e 02 dos serviços gerais. Entrevistamos também 01 membro de cada família das mulheres pesquisadas - 02 maridos e 02 filhas - para conhecer as relações familiares e poder fazer a correlação trabalho/família. Utilizamos o método de análise de conteúdo, para compreender criticamente o sentido e as significações dos dados coletados. A pesquisa nos mostrou que o cotidiano das mulheres investigadas é permeado por uma jornada sobrecarregada de atividades e bastante estressante. O trabalho fora de casa propicia melhores condições de subsistência à família e, juntamente com o estudo, tem ocupado a maior parte do tempo das funcionárias, fragilizando as relações familiares. No entanto, as mulheres sentem-se satisfeitas com a posição social assumida, e desejam continuar trabalhando e estudando, com vistas a cada vez mais crescerem profissionalmente e elevarem a qualidade de vida familiar. O presente estudo nos levou à compreensão de que a mulher faz parte de todo um processo histórico. Vive em busca de melhor qualidade de vida, de felicidade, de novas relações, de liberdade, sempre visando à transformação e ao exercício da cidadania, na construção e consolidação de um novo cotidiano.

Palavras-chave: cotidiano; mulher; trabalho; família.

ABSTRACT

The accelerated process of urbanization, from the years 50, onwards accompanied by industrialization and economic growth, brought changes in values and a redefinition in the roles of the woman. With the changes occurred in society, the subsistency of the families became more difficult, the salary of husbands was not any more enough, and the women needed to work and contribute to the domestic budget. In this way, the woman today, discovered herself as a social being reviewing her organizational space, and she became part of the world of work. She is assuming a double journey of work because she continues with her functions of housewife, wife, mother and, many times, perform the role of the head of the family. Due to these changes in the process as the years go by in relation to the role and functions of women, we understand it's meaningful to investigate what happens with this part of the population and how they have managed to conciliate the relation work/family. The present study analyses the facing of the questions work/family in the daily life of working women of the Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, to check if work gives them the chance of professional, social and intelectual growth and if it is providing a better quality of life to the families. The research is based on the theoretical reference of dialectical materialism, from the qualitative type. The universe was formed by a sampling of 04 working women, being 01 teacher, 01 from the administrative sector and 02 from the general services. We also interviewed 01 member of each family of the researched women – 02 husbands and 02 daughters – to know the family relations and to be able to correlate work/family. We used the method of content analysis to critically understand the meaning and the signification of the collected data. The research showed us that the daily life of the researched women is permeated by a journey with lots of activities and it is very stressing. The work outside home gives better conditions of subsistency to the family and, together with the study, is occupying most of the time of the working women, making the family relations fragile. However, the women are satisfied with the social position assumed and wish to continue to work and to study, hoping to grow professionally and to elevate the family quality of life. The present study made us understand that the woman is part of a whole historical process. She lives in search of a better quality of life, happiness, new relations, freedom, always viewing the transformation and the exercise of the citizenship, in the building and consolidation of a new daily life.

Key – words: daily life, woman, work, family.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade globalizada e, como é sabido, o processo de globalização não se restringe apenas aos aspectos econômicos, mas envolve também a questão tecnológica, cultural, ideológica e política. Este processo tem provocado mudanças nas formas de produção, bem como efeitos danosos à realidade social, como é o caso do desemprego em massa, levando ao surgimento da "nova pobreza". Evidentemente, a perda do emprego e de rendimentos masculinos têm aumentado o número de famílias que dependem do trabalho e renda femininos. Esta realidade tem provocado inúmeras alterações no cotidiano das mulheres.

Assim, o objetivo de nossa pesquisa é analisar o enfrentamento das questões trabalho/família, no cotidiano das mulheres funcionárias da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.

Nossa intenção foi indagar e analisar em que medida o trabalho desenvolvido pelas mulheres influi nas relações familiares. Para isso, questionamos: o trabalho extradomiciliar desempenhado pelas mulheres está proporcionando condições de melhoria e subsistência à família? Está trazendo modificações culturais e mudanças nas relações familiares?

Outro motivo que nos levou a propor a realização do presente estudo foi o fato de trabalharmos como assistente social, na coordenação da área comunitária, em uma instituição de ensino em que a maioria dos acadêmicos e trabalhadores é constituída de mulheres.

O Serviço Social é uma profissão que atua nas relações sociais e o assistente social é o profissional que tem uma prática que se consolida no cenário da vida cotidiana das pessoas.

A ação comunitária constitui-se em um mecanismo de conquista e garantia dos direitos sociais, para contribuir com a construção e ampliação da cidadania.

E é no patamar desta nova realidade, cheia de tensões e contradições, que precisamos repensar formas mais adequadas para atuar na gestão e prestação de serviços sociais.

A história nos demonstra uma imensa variação de formas de estruturação familiar e de papéis femininos. As sociedades humanas foram marcadas por diferentes graus e formas de dominância masculina.

“O modelo tradicional de divisão sexual do trabalho estipula que o trabalho remunerado é função do marido, chefe da família, que provê o seu sustento. Cabe à mulher a responsabilidade pelo trabalho doméstico e pelas crianças. Sabemos todos que apesar disso, as mulheres

sentem-se cada vez mais forçadas ou motivadas a buscar ocupações remuneradas dentro ou fora de casa. Na medida, entretanto, em que essa ocupação é definida como "ajuda" ao marido e, portanto, subordinada e meramente complementar no que diz respeito à manutenção da casa, preserva-se integralmente a validade do modelo tradicional de divisão sexual do trabalho que conserva assim totalmente a sua força na definição da posição da mulher na sociedade" (Durhan, 1983,p.35).

Hoje, a realidade nos mostra a necessidade de dissolver a dicotomia existente entre dominação e submissão.

É sabido que a opressão da mulher não é resultante apenas de suas funções econômicas, mas também do conjunto de atividades e atribuições desempenhadas pelas mesmas. O exercício de uma atividade economicamente produtiva não elimina suas responsabilidades reprodutivas.

Para melhor explicitar essas questões e sistematizar as reflexões e resultados de nossa pesquisa, dividimos esta dissertação em três capítulos.

A primeira parte compreende o caminho percorrido, ou seja, como o estudo se desenvolveu. Iniciamos com a caracterização do universo pesquisado, traçamos o perfil dos

sujeitos e discorreremos sobre o método, instrumentos e procedimentos escolhidos para a busca das informações.

No segundo capítulo, abordamos as categorias de análise: cotidiano, mulher, trabalho e família, como uma forma de resgatar, analisar e fundamentar a realidade vivida pelas mulheres, apontando questões do seu cotidiano e suas relações sociais.

A pesquisa de campo encontra-se registrada no terceiro capítulo, momento em que procedemos a discussão e análise dos dados coletados. Estes nos mostram que o cotidiano tem sido atarefado e estressante, com maior dedicação ao trabalho e ao estudo, relegando a família a um segundo plano.

E conforme nos apontou José Filho (1998, p.97),

“é na família que se encontra o espaço privilegiado para a construção da cidadania e, conseqüentemente, para construção de uma forma de viver onde valores como justiça, solidariedade, participação devem ser seus fundamentos”.

Apesar de sabermos que a questão da cotidianidade é uma fonte inesgotável de investigação e análise, temos a certeza de que os depoimentos anotados possibilitarão compreender o cotidiano das mulheres investigadas, permitindo implementar as discussões em busca do redimensionamento da realidade vivida pelas funcionárias.

Finalizamos as reflexões abordando, nas considerações finais, que, apesar da dupla jornada de trabalho, as mulheres pesquisadas dão uma importância fundamental ao trabalho, uma vez que este lhes traz satisfação, ampliação de conhecimentos e contribui para a melhoria das condições de subsistência da família. No entanto, os familiares entrevistados sentem falta de maior permanência das mulheres no lar e gostariam de ter mais atenção e convivência com estas.

Capítulo I

- **A pesquisa**

1.1 - Caracterização do universo pesquisado

Olhando para o cotidiano das mulheres, percebemos de imediato que este sofreu e está sofrendo profundas mudanças. No entanto, a nossa intenção, ao realizar a presente pesquisa, não foi a de chegar a mais uma constatação deste cotidiano, traçando o perfil das mulheres trabalhadoras. Mas refletir sobre as circunstâncias em que estas vivem, seus problemas, suas lutas, visando compreender e desvendar os entraves e obstáculos que surgem no dia a dia, dificultando a sua organização e interação das questões trabalho/família.

É sabido que, se os relacionamentos da vida cotidiana no trabalho/família forem saudáveis, seus reflexos acarretarão mudanças no plano da cidadania, podendo tornar a sociedade mais humana, produtiva e igualitária. Esta questão constituiu-se no aspecto de maior relevância no presente estudo.

Quando delimitamos um tema para pesquisa, não podemos ficar apenas na aparência dos fatos, mas devemos ir à essência do fenômeno.

“Captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde.

Compreender o fenômeno é atingir a essência. Sem o fenômeno, sem a sua manifestação e revelação, a essência seria inatingível” (Kosik, 1995, p.16).

Para isto, é necessário encontrar-se inserido no universo físico, social, intelectual, bem com saber perceber o que existe neste universo.

Desta forma, a delimitação do universo da pesquisa em pauta, levou em consideração:

- que somos mulheres inseridas nesta realidade; e
- nossa prática profissional, como já esclarecemos, está sendo desenvolvida no Departamento de Ação Comunitária da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.

A UCDB é uma instituição de ensino superior salesiana, situada na cidade de Campo Grande - MS. O início de sua história data de 1961, quando a Missão Salesiana de Mato Grosso - MSMT abriu suas portas para o ensino superior, criando o primeiro Centro de Educação Superior do Estado de Mato Grosso, a Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras - FADAFI, com os cursos de Pedagogia e Letras. Com o passar dos anos, novos cursos foram sendo criados e, com vistas à futura Universidade, a Missão Salesiana solicitou ao Ministério da Educação e Cultura - MEC a integração das Faculdades, com

Regimento Unificado, surgindo, assim, as Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso - FUCMT. A partir do interesse da Missão Salesiana em servir melhor a clientela/demanda para o ensino superior e o propósito dos salesianos em se fazerem presentes, com a Universidade, no meio da juventude sul-matogrossense e brasileira, foi requerida ao Conselho Federal de Educação - CFE a transformação das Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso para Universidade.

Com o nome de Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, seu reconhecimento se deu pela Portaria MEC nº 1547, de 27 de outubro de 1993, publicada no Diário Oficial da União de 28/10/1993, em conformidade com o Parecer CFE nº 569/93, de 04/10/93. No dia 18 de novembro de 1993, em cerimônia simples mas de repercussão estadual e nacional, a UCDB foi solenemente instalada.

Construída numa área de 789 mil metros quadrados, distante 10 km do centro, oferece três blocos com salas de aula, biblioteca, laboratórios, anfiteatros e bloco administrativo. Além do Campus, outros prédios, localizados no centro da cidade, complementam a estrutura física da Universidade: o Museu Dom Bosco, o Centro Esportivo Dom Bosco, as clínicas-escola do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde e o Núcleo de Práticas Jurídicas.

A Universidade vem se expandindo rapidamente, contando, atualmente, com 30 cursos de graduação, seis cursos de pós-graduação e vários cursos de especialização.

Tem por finalidade *"formar competentes profissionais, honestos cidadãos e bons cristãos"* (Estatuto da UCDB). Preocupada com a qualidade total de seus serviços, investe na formação e capacitação de docentes, em infra-estrutura, no aparelhamento de laboratórios e bibliotecas, e na expansão de sua área física.

A UCDB, como toda universidade, tem por objetivo o ensino, a extensão à comunidade e a pesquisa. O ensino caracteriza-se como produção de conhecimento em função do homem e da sociedade. Seus cursos estão voltados para o domínio competente de uma profissão, sem perder de vista a realidade global da sociedade. Desta forma, tem como objetivo a formação de profissionais de nível superior para atuarem no mercado de trabalho de acordo com a área específica de estudos.

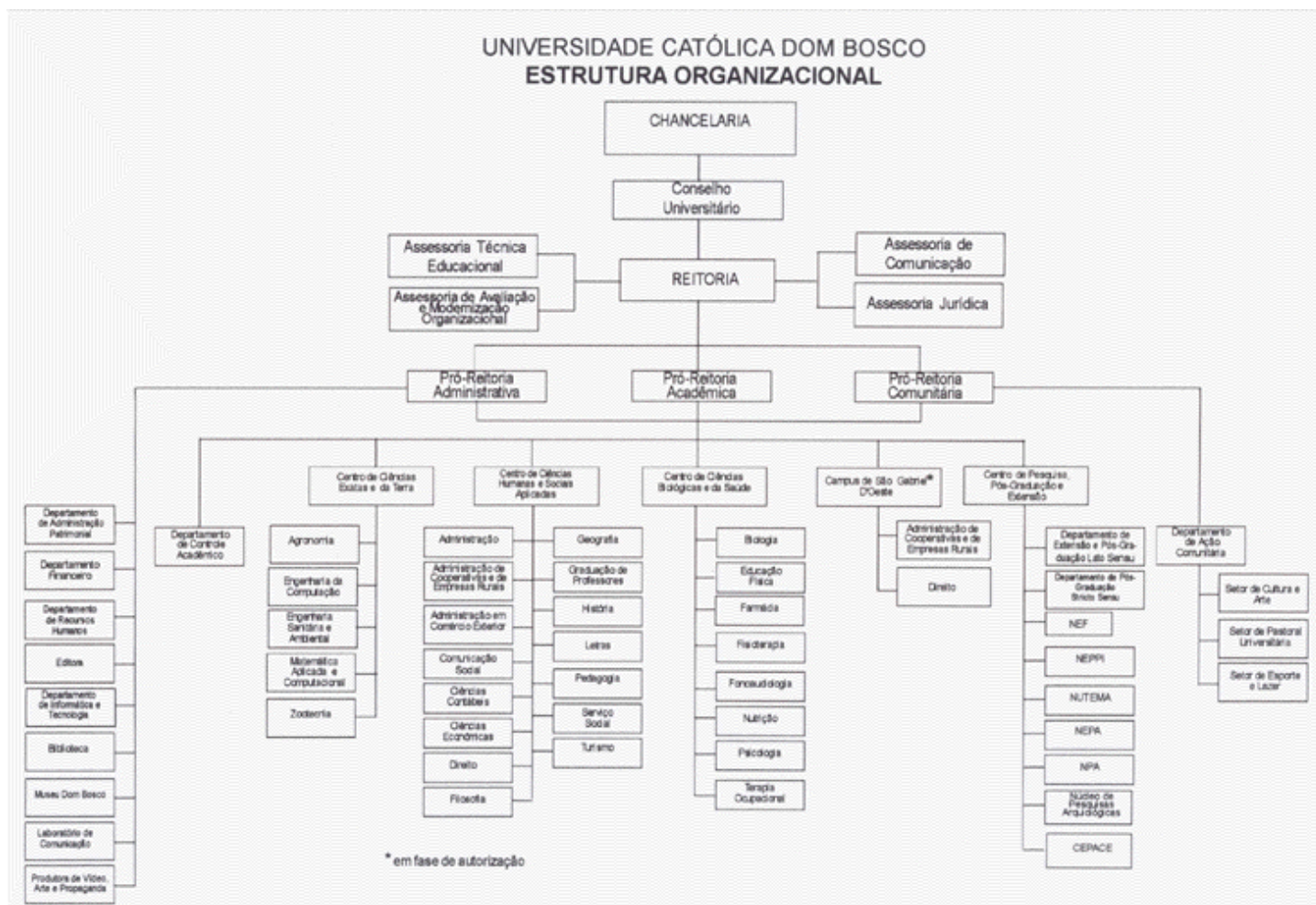
A extensão à comunidade é entendida como a própria presença da instituição na realidade, com atendimentos à população nas áreas jurídica, social, educativa e de saúde. Busca compreender a realidade e, conseqüentemente, aplicar o conhecimento adquirido, tornando-se referencial para a pesquisa.

A pesquisa objetiva investigar cientificamente a realidade, retroalimentando o ensino. Cria novos conhecimentos e tecnologias, visando ao desenvolvimento sócio-econômico e cultural da região e do país, em busca da melhoria da qualidade de vida do homem.

A Universidade Católica Dom Bosco empenha-se em formar uma comunidade humana autêntica, embasada nos princípios da mensagem do evangelho, tal como é transmitida pela viva tradição e pelo magistério da Igreja Católica. Inserida num contexto social e preocupada com o seu ser-presença na Região Centro-Oeste, apresenta uma visão acadêmica séria e comprometida com os problemas regionais.

Como instituição social, além de criar, preservar e transmitir conhecimentos, atua como agente qualificado para responder às demandas da sociedade contemporânea. Caracteriza-se, assim, como Universidade Comunitária. Possui compromissos não só com a qualidade do ensino, como também com os serviços prestados à comunidade na qual se insere. Tem por objetivo a prestação de serviço público de interesse coletivo, sem fins lucrativos e sob a perspectiva da construção da cidadania.

A UCDB é mantida pela Missão Salesiana de Mato Grosso e sua estrutura organizacional encontra-se estabelecida no Regimento Interno, de forma hierarquizada, conforme o organograma a seguir:



As funções de Reitor e Pró-reitores são privativas dos salesianos. Porém, os cargos de Direção de Centro, Coordenadores de Cursos e de Departamento são ocupados por leigos, em sua maioria (57,1%) mulheres.

Esta realidade institucional apresenta uma situação diferenciada de muitas outras instituições, em que as mulheres têm uma participação pouco expressiva no cotidiano do trabalho, uma vez que, normalmente, as posições de chefias são ocupadas pelos homens.

Como toda empresa, a UCDB vive hoje os efeitos do processo de globalização: maior produtividade com menor quantidade de recursos humanos. No ano de 1999, o número de acadêmicos matriculados em 28 cursos de graduação era 8.230, sendo 2.951 do sexo masculino e 5.279 do sexo feminino, e 350 alunos matriculados nos cursos de pós-graduação, dos quais 158 eram homens e 192 mulheres. Para o atendimento destes alunos nas funções de ensino, pesquisa e extensão, a Universidade contava com os seguintes recursos humanos: 357 professores, sendo 205 homens (57,4%) e 152 mulheres (42,6%), e 255 técnicos administrativos, divididos em 188 mulheres (73,7%) e 67 homens (26,3%). No primeiro semestre do ano 2000, o corpo discente estava composto por 8.250 acadêmicos matriculados em 30 cursos de graduação, sendo 3.036 homens e 5.214 mulheres, e 262 alunos

nos cursos de pós-graduação, dos quais 113 eram homens e 149 mulheres. O quadro de pessoal contratado estava constituído por 650 pessoas, sendo 338 professores e 321 técnicos administrativos. O corpo docente contava com 184 homens e 154 mulheres, e o técnico administrativo com 234 mulheres e 78 homens.

Verificamos, através destes dados, que atualmente os recursos humanos femininos na instituição correspondem a 59,6%. A maior concentração das mulheres encontra-se nos setores administrativos e serviços gerais. Percebe-se, ainda, uma presença numericamente inferior das mulheres na docência. Porém, nos cursos de licenciatura, a presença feminina é quantitativamente superior. Comparando-se os dados de um ano para outro, constata-se também, que a quantidade de docentes do sexo masculino foi diminuída em 21 pessoas, enquanto que as mulheres tiveram aumento de 02 professoras. Quanto ao quadro técnico-administrativo, observa-se um aumento de 57 pessoas, sendo 11 homens e 46 mulheres. Estes dados comprovam que as mulheres estão cada vez mais ingressando no mercado de trabalho, enquanto que o desemprego está atingindo, em maior proporção, a população masculina. Outro aspecto que se destaca, neste universo pesquisado, é a grande quantidade de mulheres freqüentando, como alunas, cursos da universidade. Estas representam 62,1%, enquanto que os homens 37,9%. Isto demonstra o desejo das mulheres em

melhorar seu nível cultural, para poderem cada vez, mais ter uma participação ativa na sociedade e exercer de fato a sua cidadania.

Com base na nossa convivência de 21 anos de trabalho nesta realidade, como integrante do corpo acadêmico-executivo, e pelas observações diárias no Departamento de Ação Comunitária, percebemos que as atividades executadas na instituição vinham sendo desenvolvidas de forma intensiva e estressante, devido à pouca quantidade de funcionários para o volume de tarefas requeridas no cotidiano. Esta situação gera nas pessoas cansaço, nervosismo, falta de paciência e, conseqüentemente, vem acarretando desavenças no trabalho e na família.

A Ação Comunitária, no contexto da UCDB, tem como função promover a interação e o desenvolvimento do espírito comunitário entre os professores, acadêmicos, corpo administrativo e comunidade externa. Atua com as demandas da comunidade por meio de programas, projetos e atividades, buscando a formação integral das pessoas e uma prática universitária voltada para a articulação do ensino, pesquisa e extensão. A ação comunitária é a expressão das necessidades sociais e vai além da prestação de serviços. Aparentemente, prestação de serviço significa uma atividade útil, que possui valor de uso. Karsch (1987, p. 25) assinalou que:

“a questão da utilidade termina em si mesma, pois vai desde a satisfação das necessidades básicas do homem até toda e qualquer necessidade gerada pelas formas de adaptação, realização ou exigência de vida numa sociedade”.

A ação comunitária não tem sentido apenas de utilidade, constitui-se em um mecanismo de conquista e garantia dos direitos sociais, contribuindo com a construção e ampliação da cidadania, na medida em que enfrentamos as questões sociais produzidas pela situação de exclusão. Nesse sentido, a ação comunitária desenvolvida na UCDB não tem somente um valor no atendimento imediato às necessidades da população, mas constitui-se em espaço de intervenção e construção de metodologias sintonizadas com a prática social, fortalecendo a organização da sociedade numa perspectiva de transformação social. As ações comunitárias têm sido desenvolvidas nas áreas de Assistência Social, Saúde, Educação, Cultura/Arte e Esporte/Lazer. Esta prática tem envolvido o corpo discente e o quadro funcional da UCDB, principalmente as mulheres, por representarem a maioria nesta Unidade de Ensino. As que mais procuram o Departamento de Ação Comunitária pertencem aos setores técnico-administrativos e serviços gerais, uma vez que são estes os setores com maior concentração de mulheres trabalhadoras, como também pelos

problemas e necessidades nos aspectos financeiro, de saúde e relações familiares. As principais solicitações referem-se à concessão de bolsas de estudo, empréstimos financeiros, atendimentos médicos e odontológicos, encaminhamento para estágios extra-curriculares, atendimentos de creche, orientações e acompanhamentos nas situações sociais problemas, entre outras.

Uma parcela significativa destas mulheres são socialmente oriundas da classe média baixa e apresentam nível de escolaridade diversificado. O quadro funcional é composto de trabalhadoras que têm apenas o ensino fundamental, enquanto que outras são detentoras de títulos de doutor, conforme a tabela 1.

Tabela 1
Caracterização da escolaridade das funcionárias da UCDB

Escolaridade	Quantidade	%
Ensino fundamental	89	22,9
Ensino médio	29	7,4
Ensino superior	81	20,8
Pós-graduação		
• com título de doutor	15	3,8
• cursando doutorado	15	3,8
• com título de mestre	39	10,5
• cursando mestrado	27	6,9
Especialização		
• com título de especialista	75	19,3
• cursando especialização	18	4,6
TOTAL	388	100

(Fonte: Departamento de Recursos Humanos, 2000)

Atualmente, 25% das mulheres estão buscando uma melhor qualificação, dando continuidade aos seus estudos, tanto as funcionárias do nível administrativo quanto as do corpo docente.

A caracterização do segmento feminino, nesta realidade, não se dá de modo uniforme, tem diversidade quanto às variáveis faixa etária, estado civil, número de filhos, situação sócio-econômica e escolaridade. Podemos melhor visualizar este contexto, através da tabela 2 e 3:

Tabela 2
Caracterização da faixa etária das funcionárias da UCDB

Faixa etária	Quantidade	%
19 – 28	80	20,6
29 – 39	144	37,2
40 – 50	107	27,6
Acima de 50	57	14,6
TOTAL	388	100,0

(Fonte: Departamento de Recursos Humanos, 2000)

Tabela 3
Caracterização do estado civil das funcionárias da UCDB

*Estado Civil	Quantidade	%
Casada	198	51,1
Solteira	158	40,7
Outros	32	8,2
TOTAL	388	100

(Fonte: Departamento de Recursos Humanos, 2000)

Podemos verificar que a maior parte - 37,2% - das mulheres estão na faixa etária dos vinte e nove aos trinta e nove anos. Porém, existe um percentual significativo, 20,6% de funcionários jovens e outras, 14,6%, com idade acima dos 50 anos.

São casadas 51,1 %, ou seja, 198 mulheres que possuem, em média, de dois a três filhos. No entanto, observamos um número representativo, 40,7% de funcionárias solteiras.

1.2 - Metodologia da Pesquisa

1.2.1 - Seleção e caracterização dos sujeitos

Após a caracterização do universo da pesquisa, consideramos necessário refletir sobre alguns elementos significativos que definem o procedimento metodológico de nossa investigação, iniciando pela seleção e caracterização dos sujeitos.

“Ora, os sujeitos estão implicados nas estruturas objetivas da realidade. Se considerarmos que a chamada ‘realidade objetiva’ não é exterior aos homens, mas está impregnada dos significados das ações sociais que a constituíram enquanto realidade social, temos também de considerar os homens não como soberanos indeterminados, mas como produtos sociais” (Sader, 1995,p. 45).

Partindo desta visão de que a mulher é um produto social, que vem em seu cotidiano passando por inúmeras transformações, e da realidade objetiva da Instituição de Ensino Superior - UCDB, já caracterizada no item 1.1. deste estudo, delimitamos o segmento feminino como sujeito do presente estudo.

O universo da pesquisa foi constituído pelas *mulheres* do corpo docente e técnico-administrativo da UCDB, representado por uma amostragem de quatro funcionárias, sendo: uma professora, uma do setor administrativo e duas dos serviços gerais.

Esta representatividade e proporção foi determinada considerando os setores existentes e a quantidade de mulheres que os compõem. Optamos pela amostra probabilística, uma vez que todos os elementos do universo de pesquisa tiveram a mesma chance de serem escolhidos. A seleção foi realizada com base na amostra casual simples, por meio de sorteio.

“As pesquisas são realizadas através de amostras, pois a observação completa de um fenômeno comumente envolve uma massa tão grande de dados que dificultaria e prolongaria muito a análise. Portanto, o uso da amostra possibilita um trabalho científico mais adequado” (Barros e Lehfeld, 1997, p.38).

Os sujeitos dos depoimentos para esse estudo revelaram seus deveres, compromissos profissionais e institucionais da vida cotidiana, nos aspectos de sua individualidade e de sua relação familiar.

Considerando que a nossa intencionalidade era analisar a inter-relação trabalho/família, entrevistamos também

um membro de cada família das mulheres pesquisadas, para desvelar as relações familiares e poder fazer a correlação.

A seguir, agrupamos os principais dados pessoais e de trabalho das entrevistadas, para facilitar a compreensão do perfil destas *mulheres*.

Destacamos que, por questão ética e para preservar a identidade destas, utilizamos a identificação M₁, M₂, M₃, M₄, para as mulheres entrevistadas e F₁, F₂, F₃, F₄, para membros familiares.

Quadro 1 – Caracterização da amostra

Identificação	Idade	Estado Civil	N.º de filhos	Escolaridade	Ocupação	Tempo de Serviço
M ₁	43	casada	02	Mestranda	Docente	18 anos
M ₂	33	casada	03	Mestranda	Técnica administrativa	11 anos
M ₃	33	separada	02	Superior incompleto	Serviços gerais	02 anos
M ₄	53	separada	03	Ens.Fund. Incompleto	Serviços gerais	09 anos

Pelos dados apresentados, verificamos que a idade das entrevistadas varia de 33 a 53 anos.

Quanto ao estado civil, duas são casadas e duas estão separadas. As que são casadas estão há 21 e 14 anos respectivamente. A funcionária M₃, na ocasião da entrevista, encontrava-se separada há apenas um mês e a M₄ está separada há 18 anos.

Em relação à idade dos filhos, verificamos estarem na fase infanto-juvenil (de 08 a 19 anos), com exceção de dois filhos da entrevistada M₄, que são adultos e casados, não residindo mais com a mãe. Outro aspecto a ser ressaltado refere-se à quantidade de filhos por família, que não ultrapassa três. Este fato demonstra que as famílias, atualmente, não são mais numerosas como foram as de décadas passadas. Atribuímos como causa as dificuldades sócio-econômico-culturais vividas, bem como o controle de natalidade adotado pelas mulheres atualmente, em decorrência de suas novas e diversas funções.

A questão da escolaridade nos mostra que essa é diversificada no ambiente da UCDB, e que a maioria das pesquisadas (três) estudam por exigência e incentivo da instituição, como também interesse em melhorar o nível cultural.

No que se refere ao trabalho, uma é professora horista (10 horas semanais) e as outras três exercem uma jornada de oito horas diárias na instituição. Porém, a funcionária docente possui uma carga horária de trabalho mais intensa do que as outras, uma vez que trabalha oito horas diárias em outra instituição, e também porque, como sabemos, a função docente exige atividades além da sala de aula. Em relação ao tempo de serviço, a maioria (três) foi contratada pela unidade de ensino há

mais de nove anos, o que demonstra que as mulheres são persistentes em suas atividades.

Em relação aos familiares entrevistados, os sujeitos foram dois esposos e duas filhas. Os maridos tinham, respectivamente, F₁, 33 anos, e F₃, 45 anos. O F₁ trabalhava como técnico em lubrificação e seu nível de instrução é o antigo 1º grau incompleto, hoje ensino fundamental. O F₃ é microempresário, funcionário estadual, no período vespertino, e possui curso superior completo. Quanto às filhas, uma é adolescente (F₂), com 13 anos, estudante, cursando a 7ª série do ensino fundamental e a outra (F₄) com 32 anos, vive com um companheiro, mãe de três filhos, estudou até a 5ª série do antigo 1º grau. A F₄ foi entrevistada, apesar de não residir mais com sua mãe (por sua condição civil, é considerada outra família), uma vez que a entrevista estava marcada para ser realizada com o filho de 18 anos, que reside com a funcionária M₄, porém, este teve outros compromissos e solicitou que a entrevista fosse desenvolvida com a irmã casada.

1.2.2 - O método escolhido

A presente pesquisa esteve centrada no enfrentamento do cotidiano das mulheres funcionárias da UCDB e embasada no referencial teórico do materialismo dialético, por entendermos que a realidade é essencialmente contraditória e está em permanente transformação. Utilizamos a abordagem dialética, buscando encontrar, nas partes, a compreensão e a relação com o todo; e a interioridade e a exterioridade como constitutivas dos fenômenos. O trabalho foi norteado pelo método dialético que *"nos incita a revermos o passado à luz do que está acontecendo no presente; ele questiona o presente em nome do futuro"* (Konder, 1984, p. 84). Privilegia a atividade humana e a expressão desta através do cotidiano dos indivíduos. É um instrumento capaz de abarcar a totalidade dos fatos, apreender as situações e seus significados.

A partir desse entendimento, procuramos recuperar a questão histórica do cotidiano das mulheres, embasada na literatura existente, para poder situá-la no momento atual, questionar e apresentar perspectivas quanto à interação trabalho/família.

Dessa forma, colocamos o máximo de empenho para desvelar o real. Apesar de que *"o real é cognoscível mas de modo provisório, pois conhecimento, coisa conhecida e*

relação entre os termos sempre mudam, pois, aparência é face da essência e o conhecimento parte do empírico mas o dissolve em abstração para poder se afirmar" (Carneiro, 1996, p. 26).

Buscamos, através da análise crítica, apreender as concepções de mundo, a percepção da realidade e os significados atribuídos pelos sujeitos pesquisados. Procuramos conhecer o contexto da mulher,

"como sujeito histórico real, que no processo social de produção e reprodução cria a base e a superestrutura, forma a realidade social como totalidade de relações sociais, instituições e idéias; e nesta criação da realidade social objetiva criar ao mesmo tempo a si próprio, como ser histórico e social, dotado de sentidos e potencialidades humanas, e realiza o infinito processo da 'humanização do homem'" (Kosik, 1995, p. 61).

O processo de investigação teve como base a pesquisa qualitativa, uma vez que esta trabalha com o universo de significados, ações e relações humanas. Procuramos compreender, explicar e analisar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Partimos de dados empíricos, tendo a cotidianidade e o ambiente de trabalho, como fontes diretas de dados.

“A abordagem qualitativa busca detectar as especificidades dos dados e acontecimentos no contexto em que ocorrem. Preocupa-se com a análise dos significados que os indivíduos dão as suas ações, com o espaço em que eles constroem as suas vidas e suas relações, ou seja, busca a compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais, bem como o entendimento dos vínculos das ações particulares com o contexto social mais amplo, em que essas se dão. Há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, entre o sujeito e o objeto, entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (Santos, 1997, p. 29).

Assim sendo, a pesquisa se constituiu no desvelamento do sentido social que as *mulheres* vêm construindo em suas interações cotidianas. Priorizamos os fatos que estavam mais próximos dos sujeitos e que repercutiam diretamente nas suas vidas, a fim de aprofundarmos a análise.

1.2.3 - Instrumentos e procedimentos da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida passando por quatro momentos metodológicos abaixo especificados.

O primeiro momento constituiu-se pela etapa denominada investigação exploratória. Contou com a realização de estudos bibliográficos diretamente ligados ao tema e problema formulado. O processo de estudo e pesquisa bibliográfica deu-se a partir da seleção de bibliografias, leituras, análise e interpretação da documentação, bem como pela elaboração de fichamento para melhor selecionar e organizar os estudos.

“Qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige uma pesquisa bibliográfica prévia, quer para o levantamento da situação da questão, quer para fundamentação teórica ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa” (Cervo e Bervian, 1996, p. 48).

O segundo momento metodológico foi do trabalho de campo, no qual reunimos e organizamos um conjunto comprobatório de informações. O instrumental técnico para coleta dos dados foi a entrevista semi-estruturada, por permitir um maior aprofundamento das informações e estabelecimento de uma relação de interação com os entrevistados. A entrevista semi-estruturada

"oferece todas as perspectivas possíveis para que a informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação" (Trivinos, 1987, p. 146).

Ainda, no entender deste autor, a entrevista semi-estruturada é

"aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa" (Trivinos, 1987, p. 146).

Tivemos a oportunidade de realizar entrevistas preliminares com duas mulheres funcionárias, como parte do conteúdo da disciplina "Análise de Dados em Entrevistas e Diálogos". Estas duas entrevistas-piloto serviram como pré-teste, uma vez que foram importantes não só para testar o roteiro, como também para sugerir maneiras de melhor conduzir a entrevista.

Indicaram também o tempo aproximado que seria necessário para a realização das mesmas.

As entrevistas foram gravadas e se desenvolveram a partir de um esquema básico (anexos 01 e 02), porém, não foi aplicado rigidamente, permitindo que os pesquisados discorressem sobre as questões propostas. Considerando que nem todos se sentem inteiramente à vontade e naturais ao ter sua fala gravada, utilizamos também da observação, registrando as expressões faciais, os gestos e as mudanças de posturas. Por meio das entrevistas, foram coletados dados referentes ao cotidiano das mulheres, trabalho, relacionamento e vida familiar. O roteiro para a conversa com os familiares continha esses mesmos aspectos, exceto pela exclusão de algumas informações que não cabiam repetir, como a composição familiar.

Vale destacar que a receptividade à pesquisa foi muito boa; sentimos, durante as entrevistas, um clima de confiança e diálogo. As informantes demonstraram interesse e despreendimento, considerando que as entrevistas foram realizadas depois de uma árdua jornada de trabalho ou nos finais de semana. Em relação aos familiares, percebemos maior interesse por parte dos maridos, transmitindo-nos dados com maior riqueza de conteúdo. As filhas, uma era adolescente e de personalidade introvertida, e a outra não residia mais com a mãe e possuía um

baixo nível de escolaridade, fatores estes que deixaram a desejar quanto ao conteúdo das informações.

Terminadas as entrevistas e transcritas todas as fitas, começamos a organizar o material coletado, terceiro momento metodológico de nosso trabalho, ou seja, classificação e análise dos dados. Salientamos que a análise esteve presente desde o início do estudo, quando verificamos sobre a pertinência das questões selecionadas frente às características específicas da situação estudada, para decidirmos sobre os aspectos que deveriam ser melhor enfatizados e outros que poderiam ser eliminados.

Utilizamos-nos do método de análise de conteúdo, para analisar os dados, com o objetivo de compreender criticamente o sentido, conteúdo e significações destes. Segundo Barros e Lehfeld, *"a análise de conteúdo se constitui num conjunto de instrumentos metodológicos, que asseguram a objetividade, sistematização e influência aplicadas aos discursos diversos"* (Barros e Lehfeld, 1997, p. 70). Através desta análise, procuramos encontrar respostas para as questões formuladas, como também confirmamos as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação. Descobrimos, ainda, o que estava por trás dos conteúdos manifestos, fomos além das aparências do que nos estava sendo comunicado.

Para o desenvolvimento desta análise, iniciamos pela etapa da pré-análise, posteriormente, fizemos a descrição analítica e finalizamos com o tratamento e interpretação dos resultados obtidos. Organizamos primeiro o material coletado, dividindo-o em categorias, para, em seguida, relacionar e identificar os aspectos relevantes do mesmo frente à problemática pesquisada, para proceder às reflexões analíticas e conclusivas, desvelar dimensões contraditórias, estabelecer as conexões e relações que possibilitassem a proposição de novas explicações e interpretações.

O quarto momento metodológico compreendeu a apresentação dos resultados da pesquisa, através deste documento, que se constitui na dissertação de mestrado. Significa o ápice de nosso trabalho de pesquisa, uma vez que registramos aqui o caminho por nós percorrido, as informações e reflexões sobre a temática trabalhada, esperando contribuir para o conhecimento do cotidiano das mulheres funcionárias da UCDB, e uma futura elaboração de propostas para melhoria da inter-relação trabalho/família.

Capítulo II

- **Considerações sobre as categorias de análise**

Estas considerações foram elaboradas não no sentido de explicitar conceitos abstratos e universais, mas sim como uma forma de resgatar, analisar e fundamentar a realidade vivida pelas mulheres, apontando questões do seu cotidiano e suas relações sociais.

“Conhecer a realidade é perceber nexos, relações, correlações e interconexões do real. A realidade, no entanto, se nos apresenta ao nível da aparência. Ao refletir sobre ela vamos desvendando essa aparência, que é singular, e passamos para a universalidade, ou seja, atingimos sua essência, portanto a categoria é a compreensão do real”
(Canôas, 1997, p. 46).

Tendo em vista que o tema investigado diz respeito à mulher e à organização do seu cotidiano na interação trabalho/família, entendemos como fundamental e estabelecemos para o estudo dessa realidade as categorias analíticas: mulher, trabalho, família e cotidiano.

2.1 - Cotidiano

O cotidiano nada mais é do que o dia-a-dia da vida de todas as pessoas. Envolve todos os aspectos da vida humana, como personalidade, sentimentos, idéias, hábitos, atos, costumes e outros elementos que caracterizam a vida do homem. É o repetitivo, que começa, acaba e recomeça da mesma forma.

A vida cotidiana é heterogênea e hierárquica, é caracterizada por ações e relações heterogêneas que contém uma certa hierarquia, e que são modificadas de acordo com a época histórica e os interesses de cada pessoa. É heterogênea quanto ao conteúdo e ao significado das ações, e hierárquica porque as atividades ocupam posições de importância diferenciada. O ser humano já nasce inserido em um cotidiano, porém, vai adquirindo amadurecimento e novas habilidades conforme assimila as normas e estabelece relações sociais. O processo de aprendizagem das ações cotidianas ocorre por meio da execução, imitação e observação dos fatos. É através dos ensinamentos do dia-a-dia que o indivíduo interioriza a ideologia. *"No cotidiano esconde-se a origem dos acontecimentos ou dos fatos sociais. Estudar o cotidiano é, portanto, analisar uma parcela da própria história"* (Bruschini, 1986, p. 64).

Segundo Maria do Carmo Falcão, (1987, p. 23) *"não existe vida humana sem o cotidiano e a cotidianidade. O cotidiano*

está presente em todas as esferas de vida do indivíduo seja no trabalho, na vida familiar, nas suas relações sociais, lazer, etc...".

Na vida cotidiana, a mulher se reproduz diretamente enquanto mulher e reproduz indiretamente enquanto complexo social. Por esta razão, é significativo pesquisar e analisar o papel da mulher na vida cotidiana. Ela é responsável, no âmbito familiar, pela organização e estruturação do cotidiano.

"A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias"
(Heller, 1992, p.17)

Assim sendo, o cotidiano envolve não só as ações concretamente executadas, mas também os desejos, aspirações e sonhos. Para Santos (1997, p. 79), *"É o cotidiano, uma construção que nos engloba sem que nos apercebemos de que somos também os construtores, visto que, a soma de nossas realizações só serão percebidas por outros, 'a posteriori', em outro cotidiano"*.

Como o trabalho ocupa a maior parte do dia-a-dia dos seres humanos, principalmente da mulher, ele também faz parte

do cotidiano, e relaciona-se à execução de tarefas, muitas vezes, pré-determinadas e repetitivas.

Em relação a isso, Marta Maria Santos (1997, p. 88) referiu que:

“para quebrar a rotina do cotidiano a mulher operária se envolve com atividades, de forma geral, relacionadas com o lazer ou com espaços dedicados ao consumo, como ir ao centro da cidade, ao Shopping, a um barzinho, passear na noite, viajar, ir ao pagode”.

O envolvimento da mulher trabalhadora, nestas atividades da vida cotidiana, está correlacionado com a questão do tempo livre. Por tempo livre, entende-se aquele momento limitado de horas, em que há ausência de trabalho, e que é preenchido com diferentes atividades, sendo uma delas o lazer.

“Na tentativa de determinar mais precisamente o conceito de lazer, deve-se partir da divisão do dia em tempo de trabalho e tempo restante, isolado das necessidades de trabalho. Desse tempo restante são subtraídas algumas atividades como: dormir, comer, cuidar do corpo, trabalho doméstico e o restante, em dias de trabalho, somente três ou quatro horas, são caracterizados como real lazer” (Santos, 1997, p.152).

No que se refere à organização do tempo livre e lazer, as mulheres casadas, com filhos, que trabalham fora de suas casas, praticamente, não têm tempo livre e, quando têm algum, procuram ocupá-lo de forma simples e descomprometida. As tarefas externas são cansativas e geram nestas a vontade de ficarem em casa quando é possível.

A organização social da vida cotidiana não se dá igualmente para as mulheres das diferentes classes sociais. Para as de menor poder econômico, o cotidiano é permeado de maiores dificuldades, pela quantidade de ações a serem executadas, menor tempo para desempenhá-las e necessidades que nem sempre são possíveis de serem satisfeitas.

As mulheres procuram organizar o cotidiano familiar, na maioria das vezes, pensando muito mais nos outros membros familiares do que em si mesma. Ganhar melhor no trabalho, ter mais conforto em casa, ser feliz está sempre ligado a estender esses resultados aos pais, maridos e filhos.

Portanto, a realidade da vida cotidiana é partilhada com outros, seja no trabalho ou na família, tornando-se necessário que as relações de reprodução também sejam vividas de forma que produção e reprodução formem a totalidade necessária.

A vida cotidiana das mulheres, muitas vezes, estrutura-se e organiza-se em função de conveniências. Os

interesses pragmáticos imediatos determinam algumas destas conveniências, enquanto outras são determinadas pela situação da mulher na sociedade.

Assim sendo, a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente. Está organizada em torno do "aqui" e do "agora", do momento presente.

2.2 - Mulher

Fazer aqui um retrospecto de alguns momentos históricos é imprescindível, para demonstrar a condição da mulher em épocas e sociedades, quando a discriminação, a submissão e as agressões se faziam presentes.

“Em Atenas no século V A.C. através dos registros históricos, vê-se uma sociedade onde a mulher é considerada inferior, marginalizada e perigosa (...). A condição da mulher ateniense daquela época, era a de exercer a maternidade e cumprir os deveres do matrimônio (...). As mulheres atenienses, eram excluídas da vida política, mas podiam ser inseridas na vida religiosa. (...) Na mesma época entre os romanos, a situação da mulher era similar (...). Alguns historiadores descrevem que

a família romana, desde os primeiros tempos, estava submetida a um patriarcado com valores morais e civis rígidos. Assim, a mulher ficou submetida a estes valores, mesmo as que tinham melhores condições socioeconômicas” (Patti, 1997, p. 32).

A universidade surgiu no século XII, porém as mulheres não tinham acesso a esta, apenas as mulheres da nobreza podiam adquirir conhecimentos intelectuais. O casamento era um pacto entre as famílias, e a mulher era ao mesmo tempo doada e recebida, como um ser passivo.

Apesar de toda repressão sobre a mulher, esta conquistou o acesso às artes, às ciências e à literatura.

No período que engloba o final do século XIV até meados do século XVII, aconteceu, em toda a Europa, um fenômeno de repressão ao feminismo; milhões de mulheres foram executadas. Segundo Muraro (1993), as mulheres executadas e queimadas foram às parteiras e curandeiras, as quais eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde. Ou seja, aquelas que eram suspeitas de exercer qualquer tipo de magia eram sacrificadas.

A história nos mostra que, apesar do excesso de repressão e violência sobre as mulheres da Idade Média e do Renascimento, a partir do século XVIII, elas começaram a lutar publicamente pela sua libertação. Declararam insatisfação com os

papéis tradicionais atribuídos pelos homens às mulheres e provocaram, por meio do movimento feminista, mudanças no seu status econômico, social e legal.

Refletir sobre a questão da mulher e a inter-relação trabalho/família nos remete a um ponto crucial, que é o das relações entre os sexos.

“A humanidade é composta de mulheres e de homens cuja história mostra como, ao longo dos milênios, estabeleceu-se uma ordem social que inclui a dominação, a exploração, enfim a subordinação da mulher pelo homem” (VIEZZER, 1989, p. 12).

Segundo esta autora a subordinação permanece até os nossos dias. E a situação de que os gêneros masculino e feminino se encontram em lados opostos, nos diferentes tipos de sociedade, e se encontram em um patamar de desigualdades, acontece também em todas as classes sociais.

Esta identidade de mulher subordinada começou a ser revista na cultura ocidental, quando surgiram as primeiras idéias socialistas na Europa, no começo do século XIX, provocadas, sobretudo, pelo fracasso da revolução burguesa de 1789.

Nas sociedades latino-americanas do século XIX e primeiras décadas do século XX, ocorreram avanços quanto à discussão sobre a construção social desta identidade. Como

exemplo, o termo "dona de casa" passou a ser entendido não apenas como sinônimo de esposa ou mãe, mas também como trabalho doméstico não pago.

Desta forma, as identidades são construídas a partir das relações e representações que definem culturalmente o feminino e o masculino. Essas relações e representações, ao longo do tempo, passam por mudanças políticas e econômicas, principalmente, no que se refere à divisão sexual do trabalho dentro da família e fora dela.

O capitalismo industrial trouxe muitas mudanças na família, porém, não eliminou os laços patriarcais, e o trabalho feminino continuou atrelado às necessidades da família e da sociedade.

Portanto, a questão da relação entre os sexos é uma interação social, a qual é construída e refeita de forma dinâmica, nas diferentes sociedades e de acordo com cada período histórico.

Para compreender esta questão, será necessário refletirmos sobre as diferenças entre sexo e gênero e sobre as relações de produção e reprodução. O sexo é relacionado ao aspecto biológico, distingue as pessoas em homens e mulheres, enquanto que o gênero correlaciona-se com a questão cultural, envolve o desempenho de papéis e funções nas relações com outras pessoas.

Segundo Marx e Engels (1953, p. 69), as relações sociais são

“relações mútuas e se estabelecem entre os seres humanos para a produção e a reprodução das condições materiais da existência. Em sua totalidade, as relações de produção formam o que se chama de relações sociais, a sociedade, e particularmente, uma sociedade num estágio determinado de desenvolvimento histórico”.

Para Canôas (1997, p. 49), *"as relações sociais de gênero vão se evidenciar nas funções exercidas pelo masculino e o feminino nos processos de produção e reprodução da vida"*.

A reprodução, portanto, relaciona-se à esfera humana e evidencia-se nos aspectos: biológico, social e força de trabalho. O aspecto da reprodução biológica, nada mais é do que a produção e criação dos filhos. A reprodução do nível social relaciona-se às condições de sustentação do sistema social, enquanto que a reprodução da força de trabalho diz respeito à manutenção do cotidiano dos trabalhadores e a formação de outros.

A produção é relativa aos bens, porém, é indissociável da reprodução, uma vez que os seres humanos organizam a produção em função da reprodução.

Desde os tempos anteriores ao modo de produção capitalista, em que, na questão da divisão sexual do trabalho, a

produção é designada ao gênero masculino e a reprodução ao feminino. Isto vem se perpetuando através dos tempos. Segundo Karl Marx, em 1848, no famoso Manifesto do Partido Comunista: *"Para o burguês, sua mulher não é outra coisa senão um instrumento de produção"*. As mulheres são mais exploradas na produção, realizam trabalhos mais simples, repetitivos e com menor valor salarial. Estes tipos de trabalho só reforçavam a idéia de que as mulheres deviam se dedicar mais à reprodução. Entretanto, como as relações entre os gêneros masculino e feminino são concretas e passíveis de mudanças, as mulheres vêm lutando, esforçando-se para um tratamento igualitário na produção e têm conquistado maior espaço no mercado de trabalho.

A situação vivida pelas mulheres é decorrente das formas de organização e de convívio, criadas, mantidas e atualizadas pelas próprias sociedades, às quais legitimam a superioridade e a conseqüente dominação dos homens sobre as mulheres.

No Brasil, a história nos mostra que as mulheres, até 1930, eram pouco estimuladas ao estudo. Estas eram, quando muito, encaminhadas ao "Curso Normal", que as preparavam para a função de professoras primárias. Antigamente, as mulheres somente podiam ser donas de casa e eram responsáveis pela função de educar seus filhos, função esta não considerada como trabalho.

Os estudos realizados sobre o tema mulher, em nossa realidade, têm uma certa ancestralidade e ganhou maior significado a partir de 1975, com a comemoração do Ano Internacional da Mulher.

A mulher era vista pela sociedade como a maior responsável pela reprodução doméstica, no aspecto da maternidade e da reprodução da força de trabalho. Para Sâmara(1997, p. 7),

“as profundas transformações sócio-econômicas das últimas décadas alargaram, de forma considerável a visibilidade social da mulher. A intensificação dos padrões urbanos industriais do mundo contemporâneo criou as condições propícias para sua inserção acelerada no mundo do trabalho. De "rainha do lar", a mulher atual vem conquistando cada vez mais, papéis de destaques na esfera do público”.

Hoje, a presença feminina, no sistema formal de educação, equipara-se à masculina, e principalmente no ensino superior, em algumas realidades, como é o caso da Universidade Católica Dom Bosco, chega a superá-la.

A realidade é dinâmica e, atualmente, apresenta a mulher como representante de uma parcela significativa da população. Elas aprenderam a se organizar, a participar da vida social e passaram também a discutir questões que antes eram

tratadas de forma reservada, como aborto, liberdade, sexualidade, violência doméstica e outros assuntos de seu interesse.

Decorrente do processo de globalização e suas conseqüências, como o desemprego e a necessidade de criar estratégias de sobrevivência, o número de mulheres no trabalho cresceu muito no último século. Este crescimento se deu especialmente no setor de serviços, que é onde o mercado de trabalho se expandiu.

A entrada da mulher no mundo do trabalho obriga a sociedade atual a rever questões como as da realização das tarefas domésticas, a socialização e o cuidar das crianças e, em geral, na nossa cultura, suas tradicionais relações de subordinação ao homem.

A mulher, hoje, tem uma significativa participação na sociedade, na família e no mundo do trabalho. O desempenho dessas novas funções, muitas vezes, tem a levado a situações de vida estressantes, mas as experiências vividas vêm representando uma ampliação no saber e no aprender, elevando seu grau de consciência em relação às situações apresentadas pela realidade.

É através do trabalho que as mulheres, em seu cotidiano, tornam-se seres sociais, diferenciando-se de todas as formas da natureza, e se realizam, não só por meio da ação, mas também por meio da linguagem. Para as mulheres, o estar-no-

trabalho pode significar um meio para expressão das idéias, valores e formas de agir e de estar no mundo. Através do trabalho, elas podem ter a possibilidade de um espaço, no qual poderão exercer seus posicionamentos. Segundo apontou Canoas, (1997, p. 99) para as mulheres, trabalhar

“significa ser valorizada, ter independência, ser autônoma, levantar a cabeça, ter voz ativa, ser mais respeitada pelo marido e pelos filhos, poder consumir com o próprio rendimento, enfim ser mais independente e não ter tanto medo de ficar só”.

O fato de ganhar espaço no mundo do trabalho e autonomia financeira introduziu uma transformação essencial na qualidade das relações de autoridade, no interior do grupo familiar. Hoje, esses efeitos são mais notórios e muitas vezes causa de transformações e conflitos.

O trabalho assalariado das mulheres representa uma carga adicional, e de nenhum modo altera as responsabilidades destas em relação às atividades domésticas. Desta forma, a mulher trabalha mais horas do que os homens, para chegar ao fim do dia, com um padrão mais baixo do que o deles.

Em suma, é por meio do trabalho que as mulheres têm demonstrado sua sensibilidade, vinculando-se mais como agente na luta e organização do cotidiano. Por meio do trabalho, as

mulheres têm vivido e estabelecido as mais diferentes formas de relações sociais.

Hoje, a mulher vem entrando no mercado de trabalho e atuando em todos os segmentos sociais. Ocupa funções e cargos que antes eram exclusivos do sexo masculino. É sabido que a mulher ainda encontra e sente muitas barreiras e dificuldades. Além de receberem menores salários, dificilmente assumem cargos de chefia ou coordenação. Mas seu espírito empreendedor não se abate e, na busca por seu espaço, vem se mostrando plenamente produtiva e, com certeza, contribuindo nas mudanças e transformações do mundo.

No que se refere à percepção das mulheres quanto ao trabalho, muitas preferem somente o trabalho profissional, fora de casa, considerando o trabalho doméstico como rotineiro, desgastante e desvalorizado. Para elas, sair de casa para trabalhar significa também ter mais cuidado consigo mesma, arrumar-se melhor e ter oportunidade de conhecer pessoas. Porém, existem outras mulheres que gostam de realizar trabalhos nos dois ambientes e se sentem felizes por serem eficientes em ambos. As mulheres dizem que o trabalho invadiu de tal forma suas vidas que não sobrou tempo para mais nada, é só trabalhar, e ainda existem aquelas que acreditam que o trabalho doméstico é importante e por isso gostam de fazê-lo.

“As mulheres brasileiras, como as mulheres de outros países, têm reivindicado seus direitos, procurando superar o papel a elas reservado pela sociedade patriarcal. A casa e a família deveriam ser os únicos interesses de suas vidas; no entanto, movidas pela sensibilidade e inteligência, passaram a fazer reivindicações para superar problemas ligados à condição feminina e, mais tarde, nas lutas, lado a lado com os homens” (Canôas, 1997, p. 79).

Isto demonstra todo um processo de mobilização e busca dos seus direitos enquanto cidadã. O conceito de cidadania só veio a se desenvolver após o advento do capitalismo, tendo sido estabelecido por lei o princípio da igualdade, porém, na realidade, as pessoas não são tratadas e respeitadas igualmente pelos demais. Essa é uma questão que ainda precisa ser conquistada, a fim de remover as desigualdades sociais existentes na sociedade brasileira. E, as mulheres, com sua percepção, sensibilidade e perspicácia, podem e devem contribuir para isto, uma vez que o exercício da cidadania está estreitamente vinculado ao modo de compreender a vida e de buscar soluções para os problemas da sociedade.

Como é sabido, hoje a mulher já caminha para o exercício da sua cidadania, não apenas pela qualidade do trabalho

que desenvolve, mas pelo seu modo de viver, pensar e participar da sociedade.

“Na antigüidade, trabalhador era quem não tem o lazer nem - do ponto de vista dos filósofos - as disposições intelectuais necessárias ao exercício da cidadania (pela educação insuficiente e pela ‘grosseria’ de suas ocupações). Hoje, o cidadão é em primeiro lugar um trabalhador: é pelo trabalho que ele ocupa um lugar na comunidade e conquista direitos políticos” (Canivez, 1998,p. 23).

Partindo deste enfoque, passamos a refletir sobre a categoria trabalho, a fim de compreendê-la e relacioná-la com as funções exercidas atualmente pelas mulheres.

2.3 - TRABALHO

Para abordar a categoria trabalho, entendemos ser necessário fazer um retrospecto sobre esta questão, remetendo-nos às suas primeiras concepções. O trabalho, em um primeiro estágio, nada mais era do que um esforço complementar à ação da natureza, com vistas à subsistência dos seres humanos.

Com o passar dos tempos, os homens perceberam que podiam ir em busca de outros recursos, para a melhoria da própria sobrevivência. Iniciou-se, entre povos primitivos, uma divisão

do trabalho, em que as mulheres plantavam, os homens caçavam, embora este fato não se fazia presente em todas as culturas. Com isto, foi surgindo uma noção de propriedade e de produto excedente, aquilo que não era consumido. Devido aos excedentes na agricultura e na criação de animais, intensificou-se o comércio mediado pela moeda. Este comércio e também as manufaturas dos produtos proporcionaram a alguns uma fonte de riqueza e o surgimento da divisão de classes sociais.

Aqueles que auferiam melhor renda, desfrutavam de maior independência e poder, passando a contratar trabalhadores para seus serviços. Assim sendo, o trabalho passou a ser exercido apenas pelas pessoas de menor poder aquisitivo e com um sentido de tortura e fadiga. Os trabalhadores passaram a vender seu tempo, sua energia e sua capacidade, enfim, sua força de trabalho.

Após alguns séculos e com a aplicação da ciência na produção, houve um desenvolvimento da tecnologia e passou-se a um estágio da automação. Esta colocou para a humanidade a possibilidade de se libertar do fardo do trabalho. Porém, como afirmou Hannah Arendt (1997), cada vez mais temos uma alma operária e o indivíduo, hoje, encontra dificuldade em dar significado à sua vida, se não estiver inserido no trabalho.

Para Hegel, o trabalho é uma relação peculiar entre os homens e os objetos, na qual se unem o subjetivo e o objetivo, o

particular e o geral através do instrumento, a ferramenta. É graças ao trabalho, enquanto cria, que o homem se produz a si mesmo.

Desta forma, entendemos que o trabalho deve ser concebido como um estímulo para o desenvolvimento do ser humano e não como um obstáculo.

O trabalho é a melhor maneira de preencher a vida do homem, e deve ser a expressão da personalidade do indivíduo. As razões para trabalhar estão no próprio trabalho e não fora dele ou em qualquer de suas conseqüências.

Para Marx, o trabalho pertence ao reino da necessidade, e é o fator que faz a mediação entre o homem e a natureza. O trabalho humano tem uma qualidade específica, distinta de um mero labor animal. É a atividade pela qual o homem domina as forças naturais, humaniza a natureza e se cria a si mesmo. Antes da própria atividade, pela imaginação, o homem já contém em si o produto acabado. Assim sendo, o trabalho tem sempre uma finalidade e supõe esforço, há consciência e intencionalidade.

Portanto, o trabalho é uma atividade coordenada de caráter físico ou intelectual, necessário a qualquer tarefa, serviço ou empreendimento. Na linguagem cotidiana, a palavra trabalho tem muitos significados. Trabalho muitas vezes quer dizer preocupações, desgostos e aflições. É uma atividade, às vezes, penosa, contudo, necessária, e envolve as mais diferentes formas de relações sociais.

Entendemos que o trabalho é um processo em que as relações sociais são concretizadas, viabilizando a própria objetivação dos indivíduos e a auto-realização do ser humano, não apenas pela ação, mas também pelo desenvolvimento da linguagem.

“Situar a categoria trabalho, enquanto processo, supõe pensar num homem ativo, produtivo, inserido no processo de criação de bens e serviços através da realização do seu trabalho. Um homem que se objetiva através do seu intelecto e de suas energias físicas, no intercâmbio com a natureza, cuja mediação é feita através do ato social do seu trabalho. Envolve, portanto, o mundo dos homens na produção social, numa relação de unidade e luta com a natureza, transformando-a e sendo por ela transformados” (Nicolau, 1997, p. 195).

Em face da nova organização do mundo do trabalho, da modernização e da globalização capitalista, define-se hoje, uma nova concepção de trabalho. Esta reflete as experiências concretas que vão sendo acumuladas e o sentido que se reveste para o ser humano.

É por meio do trabalho que o ser humano interage, construindo idéias ou representações, às quais traduzem

conhecimento e visão de mundo. De acordo com Albornoz (1992, p. 44), *"Na antigüidade a divisão do trabalho existia com vistas à qualidade do produto e por causa da diversidade das capacidades e dons, e não com vistas à maior produtividade, como hoje"*.

Este é um ponto chave das determinações do trabalho no sistema capitalista. É uma das características mais decisivas do mundo do trabalho. A força de trabalho é dada como uma mercadoria. Do esforço dos trabalhadores é extraído um valor que deixa uma sobra aos interesses do capital, pois o salário do trabalhador fica muito aquém do valor que ele cria para o mercado. Hoje, trata-se de buscar a máxima eficiência com o menor esforço.

"O trabalho - que na concepção de Marx tem uma dimensão, humanizante, na sociedade capitalista ganha uma dimensão extremamente desumanizante, por configurar as relações sociais mercantilizadas, uma vez que a força de trabalho é transformada em mercadoria, pela condição de trabalho assalariado que é degradado e aviltado. Desse modo, o trabalho torna-se fonte de alienação, de estranhamento" (Nicolau, 1997, p. 04).

O trabalho, na esfera da produção, pode ser compreendido como processo de criação de novos valores. Neste processo de criação, tem-se o ser humano realizando o seu trabalho

de forma ativa e o mundo material, passivo, pronto para ser apropriado pelo homem, mediante sua ação.

A experiência concreta do trabalho remete, ao mundo das representações sociais, valores, normas, símbolos, operações e desejos, que estão polarizados em torno dos objetos que compõem tal atividade.

Desta forma, as representações sociais do trabalho expressam-se num ato social. São constituídas num determinado momento de conhecimento, de interpretação e atribuição de sentido, passando pela realidade histórica, bem como pela linguagem no contexto das relações sociais concretas. A linguagem é de extrema importância nesse processo, pois é através dela que o sujeito se põe em inter-relação com outros sujeitos.

No que se refere ao trabalho das mulheres, este não é uma novidade desta época. As mulheres sempre trabalharam, e não só em serviços leves. A presença da força de trabalho feminina se dava em conjunto com a família na agricultura, artesanato ou dentro de casa, perto do convívio familiar.

“A grande questão sobre o trabalho das mulheres se põe na era industrial. Não só porque o desenvolvimento da máquina torna irrelevante a diferença da força muscular entre o braço masculino e o feminino, e o sistema busca a mão-de-obra menos reivindicativa e mais tímida e

submissa para manter mais altas as margens de lucro, mas também porque o engajamento da indústria afasta as mulheres de casa e da família”
(Albornoz, 1992, p. 32).

Via de regra, as mulheres tendem a ocupar trabalhos que não exigem maiores qualificações. Porém, existe uma parcela, em menor escala, que se distribui em atividades supostamente melhores e algumas até exercem cargos de comando e chefia.

Pelas características do mercado de trabalho feminino, com baixos níveis de remuneração, poucas oportunidades de emprego e também (para algumas) pelos baixos níveis de qualificação ocupacional, podemos afirmar que, no geral, a permanência das mulheres no mesmo trabalho ocorre por um período bastante longo. Mas este fato não significa e não se traduz em ascensão na escala ocupacional.

Sabemos que uma condição que pode favorecer o ingresso, permanência e ascensão da mulher no mercado de trabalho é o seu nível de instrução. A mulher que é dinâmica, criativa, e que está sempre em busca de maior conhecimento e aperfeiçoamento, tende a ter maiores e melhores oportunidades. E esta tem sido uma grande preocupação das mulheres, melhorar a sua formação, através do estudo.

Em suma, as mulheres que trabalham fora de casa tendem a ter melhor grau de instrução e adquirem maior vivência e experiência, do que as que só desenvolvem o trabalho doméstico.

O trabalho doméstico ainda é visto, pela sociedade, como feminino, e pelas suas características de gratuidade e desqualificação, significa a submissão de quem o faz.

Uma questão que já vem há muito sendo discutida é a da produtividade ou não do trabalho doméstico.

“Para as mulheres, mesmo o exercício de uma atividade economicamente produtiva não as exclui das responsabilidades reprodutivas, historicamente consideradas suas funções ‘naturais’. A vivência do trabalho passa, necessariamente, para as mulheres, pela articulação entre tarefas produtivas e reprodutivas, na busca de um equilíbrio frágil e quase sempre penoso. O papel prioritário das mulheres na reprodução as condiciona a ocupar posições secundárias e discriminadas no espaço da produção. Obriga-as ao exercício de atividades irregulares, intermitentes e informais, visando conciliar as duas esferas. Quando nem mesmo isso é possível ou não é vital para a sobrevivência do grupo, condiciona-as à permanência nos limites do lar, onde as atividades que desempenham

gratuitamente para os membros da família não são consideradas trabalho” (Bruschini, 1986, p. 13 e 14).

Desta forma, no âmbito doméstico, a atividade econômica feminina é ocultada perante as estatísticas, uma vez que a ocupação de mãe e de dona-de-casa é considerada inativa.

Porém, se a categoria "afazeres domésticos" fosse incluída como atividade econômica, e também a "dupla jornada" de trabalho feminino, poderíamos afirmar que as taxas de atividades das mulheres, hoje, são superiores às dos homens.

Na sociedade moderna, o trabalho é progressivo, a divisão das tarefas é consciente e racionalmente organizada, tendo em vista maior eficiência e eficácia.

“A produtividade máxima não pode ser obtida se o trabalho for reduzido a tarefas de execução mecânica. Porque de um lado as perspectivas são as de uma evolução tecnológica constante; de outro, o trabalho mais produtivo é o que interessa ao indivíduo todo, é cada trabalhador que deve, idealmente, dar provas de iniciativa e de espírito empresarial” (Canivez, 1998, p. 67).

Atualmente, a sociedade tem como princípio a competição e a exploração máxima dos recursos humanos. Este princípio exige que as pessoas elevem cada vez mais o seu nível de

formação, a fim de que não fiquem excluídas do mercado de trabalho.

Segundo Friedrich Engels (1997), a ordem social em que vivem os homens está condicionada por duas espécies de produção: pelo grau de desenvolvimento do trabalho e da família. Com base nestas considerações e para maior compreensão da ordem social, abordaremos a seguir a categoria família, seu significado e as relações sociais estabelecidas neste âmbito.

2.4 - FAMÍLIA

A nossa intenção, ao abordarmos esta categoria, não é fazer uma revisão profunda da literatura sobre o assunto família, mas sim procurar identificar pontos que se destacam nas relações familiares, que são essenciais para as reflexões sobre a interação trabalho/família, na organização do cotidiano das mulheres.

São variadas as formas como foram e ainda são, hoje, as famílias, bem como as concepções sobre o significado da família. Estas evoluíram e se modificaram conforme o desenrolar da história.

“O estudo da história da família primitiva nos revela um tipo de relação entre o homem e a mulher onde não havia nenhuma restrição sexual, e com a

evolução da história, a religiosidade e as concepções de novos valores e necessidades diferentes, a família aos poucos se modificou resultando na família monogâmica, que se mostra presente até os dias atuais” (José Filho, 1998, p. 23).

A monogamia surgiu a partir das transformações ocorridas no sistema familiar, objetivando a superioridade masculina neste contexto.

Segundo Morgan citado por Friedrich Engels (1997, p. 91)

“a família deve progredir na medida em que progrida a sociedade, que deve modificar-se na medida em que a sociedade se modifique; como sucedeu até agora. A família é produto do sistema social e refletirá o estado de cultura desse sistema”.

Se verificarmos a evolução histórica da família, observaremos muitos comportamentos tidos como exceções se transformaram em regras gerais, e padrões rígidos tornaram-se exceções. Assim sendo, as transformações ocorridas variam conforme os valores atribuídos pela sociedade, e se torna difícil definir precisamente um conceito de família. No sentido popular e nos dicionários, a palavra família significa:

“pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Ou ainda, pessoas de mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção” (Prado, 1995, p. 7).

A tendência das pessoas, quando se referem à família, é a de mencionar e caracterizar as situações e realidades que se encontram bem próximas de si. Desta forma, o tipo mais conhecido e valorizado pela sociedade é a família composta de pai, mãe e filhos, chamada de "nuclear".

As relações familiares refletidas e analisadas, no presente trabalho, situam-se exatamente neste tipo predominante de família.

Na visão coletiva da sociedade, não existe um único tipo de família, e a família nuclear tem laços consangüíneos, une-se mediante o casamento, com finalidade de reprodução biológica, cabendo ao homem a função de provedor do lar e à esposa, as tarefas domésticas e educação dos filhos. Estes padrões culturais estão sendo transmitidos no processo histórico de geração em geração.

A realidade brasileira é composta por vários tipos de famílias. Encontramos muitas famílias nucleares em que o casal não é unido por laços legais. Outros que são chefiados por mulheres,

não só pela situação de serem mães solteiras, viúvas ou separadas, mas devido à necessidade destas trabalharem fora de casa e assumirem as responsabilidades materiais do lar e da família.

Em nosso cotidiano, tem se destacado vários arranjos familiares, tais como: uniões livres, famílias de homossexuais, mães solteiras que assumem seus filhos, divorciados constituindo novas uniões e famílias monoparentais, isto é, dirigidas apenas pela mulher ou pelo homem.

Estes arranjos vêm colocando em risco a hegemonia da família nuclear, no entanto, o mais importante não é a composição e o modelo familiar, e sim os valores e relações que são estabelecidas nesta nova realidade. É compreender a família como a responsável pela construção da cidadania, isto é, transmissora de valores e padrões que levem a efetivação de um cotidiano em que os direitos e deveres das pessoas possam a ser respeitados e cumpridos.

Como estamos inseridos em um país de sistema capitalista, em que a sociedade é dividida em classes sociais, temos que as famílias da classe média tendem a ser nucleares e normalmente estabelecem uma maior relação de parentesco. Nas classes de menor poder econômico, esta relação afetiva já é mais distante, enquanto que, nas famílias de classe alta, as relações normalmente ainda seguem o sistema patriarcal. A autoridade, o

controle dos meios de produção, do patrimônio e da renda familiar é da competência do patriarca.

Desta forma, o "status" social de seus membros é fixado pela posição que a família ocupa na sociedade.

A sociedade, nos últimos anos, vem passando por uma série de mudanças, principalmente, nos aspectos demográficos, econômicos e sociais. Estas transformações vêm influenciando diretamente na vida e na estrutura familiar.

As famílias foram afetadas na questão demográfica, devido ao controle de natalidade ocorrido nas últimas décadas, repercutindo na composição e tamanho destas, em que a média de filhos situa-se em um número de três. Este controle de natalidade é decorrente de uma série de fatores, como o acelerado processo de industrialização, o qual levou a uma redefinição dos papéis da mulher e sua inserção no mercado de trabalho.

Também a crise econômica e o processo de globalização têm levado as famílias a repensarem e buscarem novas estratégias de vida, principalmente, na obtenção dos rendimentos, devido às situações de desemprego e perda do poder aquisitivo.

Estes fatores têm trazido consequências para as relações familiares e, muitas vezes, afetam a convivência. As relações na família ficam condicionadas às trajetórias individuais de cada um de seus componentes e ao modo como essas trajetórias

articulam-se entre si, gerando situações novas. As famílias devem oferecer a seus componentes mais do que a sobrevivência; os filhos têm o direito de desfrutar de afeto, verbalizar seus sentimentos, suas angústias e seus medos. Os pais devem estar preparados, informados e dispor de tempo para acompanhar as etapas de desenvolvimento dos filhos. Devem educá-los, capacitando-os para serem responsáveis, independentes e conscientes dos seus direitos e deveres de cidadãos.

Assim sendo, a família exerce várias funções. Além da função de reprodução e sobrevivência de seus componentes, desempenha também a função sócio-econômico-educativa. "*Ao exercer ação socializadora, a família atua também como agência de transmissão e de reprodução ideológica*". (Bruschini, 1986, p. 62). Os pressupostos ideológicos se originam da vida cotidiana familiar, dos hábitos das pessoas. Portanto, "*a família é a base, é o início que dá qualidade a nossas vidas*" (Canôas, 1997, p. 112). Ainda segundo Canôas, é na família que adquirimos conceitos básicos, criamos hábitos, costumes, valores, para, posteriormente, nos integrarmos na sociedade. A família sempre teve e continua tendo um papel essencial no desenvolvimento social, econômico, cultural, físico e afetivo dos seus componentes, pois se constitui no canal de iniciação e aprendizado dos afetos e das relações sociais. É ela que referencia e totaliza a proteção e a socialização dos indivíduos, em

toda sua existência.

A dinâmica interna familiar tem sofrido inúmeras transformações, as quais vêm afetando profundamente a vida doméstica, pois incidem sobre as relações estruturais e suscitam uma redefinição no modelo de família.

As principais mudanças ocorridas na família são decorrentes do aumento da dissolução dos vínculos matrimoniais, e conseqüente aumento de famílias chefiadas por mulheres. Estes fatos levam a família a viver momentos de reestruturação, para os quais nem sempre os componentes se encontram preparados. Novas relações sociais são estabelecidas, mudam-se as formas de sobrevivência, sendo necessário compreender e considerar as transformações sob novos paradigmas, uma vez que afetam os modos de vida. É importante compreender as várias formas de unidade familiar e verificar as causas das transformações, correlacionando-as aos novos problemas enfrentados.

A pessoa humana é um ser complexo e contraditório em suas condutas e sentimentos, por isso, é detentora da capacidade de construção e destruição. Assim sendo, no ambiente familiar, é comum a existência de conflitos, e a maneira preferencial para lidar com estes é o entendimento, o diálogo. Dialogar e aprender a conviver com as diferenças são instrumentos fundamentais para transformações no relacionamento e construção

de uma sociedade democrática.

No convívio democrático entre os componentes familiares, é importante o estabelecimento de relações afetivas, porém, é indispensável o exercício da autoridade.

“Embora autoridade e poder se refiram a relações de comando e obediência, o modo como se expressam é diferente. A autoridade reporta-se a experiências comuns vividas no passado e seu exercício visa preservar posições hierárquicas já estabelecidas e que fazem parte da tradição de comando no interior de um grupo ou associação. Já as relações de poder se manifestam no confronto com o instituído e abrem caminho para se transformarem, até mesmo se subvertendo a posições tradicionais de comando. (...) A família é espaço de expressão da autoridade do pai e, em menor grau da mãe, no interior da qual todos os componentes procuram, em determinados momentos e em circunstâncias específicas, exercer o próprio poder, ou seja, impor sua vontade sobre os demais. Conseqüentemente, autoridade e poder manifestam-se sobrepostos e entrelaçados na vida doméstica, demandando uma delimitação de suas áreas de atuação” (Romanelli, 1995, p. 81).

No processo de evolução da família, um aspecto que tem se destacado como problemático é a questão relativa à posição e ao papel da mulher na família.

Quando a mulher torna-se produtora de rendimentos, pode ocorrer a redução da autoridade masculina, mas isso nem sempre se concretiza, uma vez que a crença na superioridade do homem continua a ser sustentada mesmo nos dias atuais.

“O marido tem o papel de elo de ligação entre a família e o meio social, e de provedor, de bens materiais. Exerce uma profissão que é o critério mais importante para determinar o ‘status’ de sua família na comunidade em geral. Ser o ganhador dos seus é idealmente ou em termos de expectativa o papel prioritário do homem adulto de nossa sociedade. Daí decorre que a participação do marido nas tarefas domésticas é mínima, cabendo à esposa e mãe a criação dos filhos e os cuidados do lar. Essa bipolaridade dos papéis em função do sexo será determinante para a formação da personalidade da criança” (Prado, 1995, p. 41).

Atualmente, para muitas mulheres, a família, além de significar a base de tudo, é também o local onde elas têm mais poder nas relações sociais. É neste ambiente que elas organizam e cuidam da reprodução do cotidiano.

E este ambiente nem sempre é um porto seguro, ele é permeado por relações de amor, de afeto e, às vezes, também por sentimentos de ódio. Devido a isso, em determinados momentos, a relação familiar se mantém, porém, o conteúdo afetivo se empobrece, e a família entra em crise.

No entanto, a crescente inclusão feminina no domínio público das atividades profissionais tem sido revestida de significado simbólico positivo, conferindo à trabalhadora e produtora de rendimentos um novo lugar nas representações sobre as mulheres. O acréscimo de novos atributos à condição feminina tem contribuído para a introdução de formas alternativas de relação entre homens e mulheres, dentro e fora da família.

“Apesar das mudanças e dos conflitos a família é única em seu papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, afetividade, responsabilidade dos indivíduos em especial na infância e adolescência”
(José Filho, 1998, p. 49).

Um outro aspecto a ser ressaltado diz respeito às famílias que são chefiadas por mulheres. Estas, em grande parte, encontram maiores dificuldades de garantir sua subsistência. A ausência do chefe homem, a quem cabe tradicionalmente o papel de provedor do lar, exige maior esforço por parte da mulher e dos filhos, na luta pela sobrevivência. Este fato leva a mulher a ter que exercer vários papéis, tendo que se dividir entre o emprego, tarefas domésticas e cuidado com os filhos.

A configuração dos papéis na família são diferentes de épocas anteriores. Em muitas famílias, o que se verifica é uma inversão nas funções, as mulheres é que são as provedoras do lar, enquanto que os maridos, pela questão do desemprego, ficam em casa assumindo as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos.

Capítulo III

- **Resultados: discussão e análise dos dados**

3.1- O cotidiano das mulheres funcionárias da UCDB

A sociedade é estruturada e desenvolve suas políticas, através das instituições e grupos organizados, por meio dos quais as exigências do trabalho e as relações de autoridade aplicam-se às funções desempenhadas pelos homens.

Vivemos o cotidiano de uma instituição educacional, a UCDB, onde o poder ainda é centrado na direção, e as relações de trabalho se inclinam lentamente para a democratização.

Na medida em que a instituição se desenvolve no tempo, os padrões de relações externas e internas também mudam, porém as mudanças são quase sempre limitadas e no âmbito dos discursos e da aparência.

A Universidade enfrenta os desafios da concorrência e as exigências sempre crescentes dos Órgãos de Educação. Incorpora idéias de inovação no seu cotidiano e é flexível às mudanças, desde que estas não alterem, significativamente, as relações de poder vigentes.

Como toda instituição da sociedade, reproduz a hierarquia das classes sociais. Impõe aos indivíduos uma certa consciência de sua identidade social, diferenciando-os em dois tipos de cidadãos: os que desempenham um trabalho qualificado e

possuem "status" sócio-econômico-cultural e os que não têm qualificação nem possibilidade de tomar posição, delegando o direito de se expressar aos seus representantes ou, por vezes, isolando-se na indiferença e na abstenção.

As distinções entre trabalho qualificado e não qualificado são decorrentes da moderna divisão do trabalho e, até certo ponto, constituem-se em uma contradição, pois *"toda atividade exige certo grau de qualificação, tanto a atividade de limpar e cozinhar como a de escrever um livro ou construir uma casa"* (Arendt, 1997, p. 101).

Assim sendo, o que diferencia as ações desempenhadas pelas pessoas não são os tipos de atividades, e sim os estágios e qualidades de cada uma.

Dessa forma, o importante é a produtividade, o resultado, e a qualidade do trabalho executado pelos trabalhadores.

Porém, o cotidiano das mulheres trabalhadoras da UCDB é permeado pela visão que perpassa toda a sociedade, a da antiga distinção entre trabalho intelectual, desempenhado pelos professores, e o manual, executado pelos trabalhadores do nível administrativo e serviços gerais. Afirmamos isso a partir de observações realizadas em momentos de confraternizações que são proporcionadas no ambiente institucional, como dia das mães, festividades de páscoa, natal e outras, quando as funcionárias dos

serviços gerais não querem participar ou participam de forma inibida, devido à presença de professores e técnicos administrativos. Estas funcionárias que possuem menor nível de instrução e desempenham funções que exigem menor qualificação se sentem inferiorizadas em relação aos outros tipos de trabalhadores da Universidade. No entanto, o sentimento de inferioridade não se restringe apenas ao aspecto do trabalho, ele tem um outro elemento, que é mais profundo e complexo, é a questão da diferença de classe social existente em nossa sociedade. Desta forma, é preciso refletir com estas mulheres a questão do significado e a importância do trabalho no mundo atual.

A UCDB é uma instituição que se transformou em Universidade há apenas seis anos, e as exigências postas a ela pelos Órgãos de Educação Federais, entre as quais, a necessidade de qualificação de seu quadro funcional, forçou-a ao planejamento de uma política de estimulação ao estudo e aperfeiçoamento de seu pessoal, com a obtenção de títulos que lhes assegurassem a qualidade dos serviços e manutenção de seu "status". Isto levou as mulheres funcionárias a uma sobrecarga de funções, uma vez que tiveram que continuar assumindo a sua jornada normal de trabalho, mais o estudo, tendo que conciliar os dois com as atividades cotidianas da família.

Conforme abordamos no segundo capítulo, a história

nos mostrou que as mulheres antigamente eram pouco estimuladas ao estudo. Assim, revelou M₄

"Eu fiz até a quarta série primária na fazenda. Aí parei, terminou o estudo. Naquela época a gente pouco estudava. A professora, assim (...) não tinha grau para dar mais estudo. O que ela tinha também era pouco".*

No entanto, com as profundas transformações socioeconômicas das últimas décadas, esta situação vem sendo modificada. Percebemos isto em nossos sujeitos de pesquisa, pois esta funcionária M₄, a mais idosa entre as entrevistadas, estudou somente até a 4^a série do ensino fundamental, enquanto que as outras três funcionárias mais jovens continuam estudando, melhor se qualificando, chegando ao ensino superior e pós-graduação em nível de mestrado.

Uma condição que pode favorecer a permanência e ascensão da mulher, atualmente, no mercado de trabalho, é o seu nível de instrução. As que são criativas, dinâmicas e que buscam maior conhecimento tendem a ter melhores oportunidades na vida.

As mulheres M₂, M₁ e M₃, quando questionadas sobre estarem satisfeitas com o grau de instrução, responderam:

* Quarta série primária, que a funcionária menciona, corresponde hoje à quarta série do ensino fundamental.

M₂: "Estou. Eu acho que eu poderia ter aproveitado ainda mais; há mais tempo eu poderia ter terminado o mestrado. Agora, hoje em dia as pessoas com vinte e cinco, vinte e seis anos estão terminando o mestrado. Eu já estou com 33 anos, mas eu me considero bem, eu estou satisfeita sim".

M₁: "Eu estou muito satisfeita com o meu nível de instrução, devido ter assim conquistado, ter chegado ao mestrado foi algo que me empolgou muito, embora eu ainda sinto que gostaria de ter mais tempo para o estudo, ter uma dedicação maior ao estudo. Mas, mesmo assim eu estou muito satisfeita, muito contente, acho que eu cheguei em uma etapa de minha vida que está valendo à pena. O único 'senão' que eu tenho, é justamente por não poder estudar mais. Mas, eu achei que durante o sábado eu poderia ficar, é (...) liberada. Tinha um sonho de ser liberada para o mestrado, poder estudar bastante, me dedicar. Mas, não que este sonho foi desfeito, mas ainda eu sinto que fica devendo um pouco, para mim mesma, neste sentido. Poderia estar aproveitando melhor esta oportunidade do mestrado. Estou muito contente".

M₃: "Muito satisfeita. Estou fazendo a Faculdade de Pedagogia".

Através da fala da M₂, podemos perceber que a representação social sobre o grau de instrução da entrevistada foi permeada por sentimentos de culpa, por não ter terminado os estudos quando ainda mais jovem. A M₁ revelou o fato de não dispor de tempo para maior dedicação aos estudos. No entanto, sentem-se satisfeitas por terem chegado onde estão e esta satisfação é decorrente das experiências vividas, da ampliação do saber e do aprender, o que elevou o grau de consciência em relação às situações que a realidade apresenta. Verificamos ainda que, em relação à funcionária M₃, o grau de satisfação é maior, tendo em vista que esta teve que enfrentar inúmeras dificuldades, tais como:

a - lutar contra a família, que não lhe deu apoio quanto a continuidade dos estudos;

M₃: "(...) eu era chamada de louca e desvairada (...) largar filho e marido para trás, fui destacada como louca".

b - estudar muito, devido a mesma ter feito o segundo grau em apenas um ano, por meio de curso supletivo;

M₃: "Foi difícil entrar, tive que lutar, estudar, correr".

c - falta de condições financeiras para se manter na faculdade.

M₃: "(...) tive que pedir muito, para chegar aonde estou hoje".

Estes dados nos levam à confirmação de que a mulher é detentora de um espírito empreendedor, que não se abate e luta por um espaço no qual possa se mostrar plenamente produtiva. Vive um processo de busca dos seus direitos enquanto cidadã.

No decorrer da pesquisa, solicitamos às entrevistadas que discorressem sobre suas atividades diárias, sobre o seu cotidiano. A M₁ assim se expressou:

"É, eu acordo todo dia às 6:30 da manhã. Mas, a minha rotina do dia, começa no dia anterior, eu estou pensando aqui comigo, que eu deixo a mesa posta do café da manhã, na noite anterior, deixo tudo arrumado, para que não precisem de mim. É só colocar a manteiga ou alguma coisa gelada e fazer um chá. Então antes de dormir eu já deixo tudo arrumadinho".

Constatamos que as atividades domésticas, no cotidiano, permanecem sob a responsabilidade da *mulher*, e que esta é detentora de um poder de administração e organização do seu dia-a-dia, a fim de facilitar o desempenho de suas funções. M₁ procura organizar seu cotidiano pensando também nos seus familiares.

Percebemos que, apesar da M₁ ter uma série de atividades em seu cotidiano, conseguiu se planejar de forma a ter um horário de dedicação para si, com atividades de esporte, cuidados com sua beleza, forma física e saúde.

M₁: "Aí, no outro dia de manhã eu acordo, e três vezes por semana eu tenho um horário só para mim. Das sete às oito eu faço ginástica. Então, é um horário que eu primo por ele. Quero preservar de qualquer forma, que é um horário que eu cuido de mim, penso em mim, passo creme, me sinto bem. Praticamente é o único horário que eu tenho para mim. Então eu não falto, é muito raro eu faltar nesse horário. Mas é só três vezes por semana".

Porém, isto é um privilégio da mulher de classe média-alta, porque a de menor nível sócio-econômico-cultural possui uma rotina de atividades diferenciada e mais sacrificada.

M₃: *"A vida diária é (...) casa, filhos, marido, emprego, ônibus, é muito corrido. A jornada de trabalho da mulher é tripla. Para quem levanta cedo, é (...) vê filhos, filhos para a escola, tem que deixar almoço pronto é (...) às vezes chega até a correr atrás do ônibus para não perder o ônibus, porque você tem que ver se eles (os filhos) estão bem, às vezes não dá*

nem tempo de você conversar. O horário que chega, você só dá um tchau, e fica muito preocupada com a situação dos seus filhos, ficarem em casa sozinhos. Mas você é obrigada a ir, porque você quer uma coisa bem melhor no futuro, para eles não terem essa correria. Pai e mãe devem correr, filhos devem usufruir mais na frente do que você possa deixar para eles".

O cotidiano acima retratado nos mostra uma jornada sobrecarregada de atividades, e permeada por um agravante, que é a questão de trabalhar fora por necessidade financeira. Esta não lhe dá condições para pagar uma pessoa para cuidar de seus filhos, o que lhe acarreta um sentimento de culpa por ter que deixar os filhos sozinhos.

No entanto, para algumas *mulheres*, a dupla jornada de trabalho as tem levado a um sentimento de culpa por não ter tempo para se dedicar mais à família.

M₁: "Então, mais uma coisa que eu sinto é a questão da culpa. Eu fico um pouco preocupada com o futuro, se elas vão ter assim aquele sentimento que nunca puderam ter tido aquela convivência com a mãe. E será que, depois quando eu precisar mais da convivência delas, elas de repente não estão tão acostumadas assim comigo".

A mulher que trabalha fora sente culpa por conviver pouco com os filhos e insegurança em relação ao que ela faz e recebe, se é de fato importante para a sobrevivência da família. Preocupa-se com o futuro e com o aspecto sentimental das filhas.

Mais uma vez, a realidade posta é a da responsabilidade e preocupação da *mulher* para com a prole.

No geral, observamos e constatamos que todas as mulheres entrevistadas possuem um cotidiano muito corrido e estressante. Muitas vezes, o trabalho fora de casa e o estudo têm ocupado a maior parte do tempo das funcionárias, trazendo, como consequência, menor dedicação ao lar e à família.

Assim é que:

M₂: "É uma vida muito estressante e corrida. A gente acaba se dedicando muito ao trabalho e ao estudo, e aí, quer dizer, você não tem tempo para mais nada, nada, nada, além disso. O lazer e a família acabam ficando de lado. (...) "É bom, levanto de manhã bem cedo, alguns dias eu levanto quase de madrugada para poder estudar um pouco, aproveitar a manhã. Mas, no geral eu levanto às 6:00 horas, vou para o trabalho, começo cedo. Meu almoço é uma hora de almoço. Então é mais corrido ainda, porque, eu não almoço, eu engulo, eu sempre falo eu engulo, porque o meu estômago, ele não

digere mais a comida. E eu continuo trabalhando, trabalho o dia todo. Muitos dias eu fico além do meu expediente normal, por determinações. A gente tem muito trabalho, e a gente acaba se envolvendo mais do que o normal. Aí, à noite quando eu não estou dando aula, eu estou estudando ou preparando aula, ou fazendo pesquisa. Então, geralmente eu durmo às onze e meia, ou meia noite e meia ou até à uma hora da manhã. A vida diária semanal de segunda a sexta, pelo menos, é essa rotina. O tempo todo assim. Não muda. Quando muda me atrapalha".

A funcionária M₂ revelou a realidade de seu cotidiano, que é repetitivo, que começa, acaba e recomeça da mesma forma. E a *mulher*, para dar conta dessa rotina, organiza-se cronometrando suas atividades diárias, e se habitua de tal forma a esta que "*quando muda (...) atrapalha*".

Segundo Bruschini, (1986) estudar o cotidiano é analisar uma parcela da própria história. Analisando parte da história das entrevistadas, verificamos que o "dia-a-dia" das mesmas é extremamente atarefado, prejudicando-lhes a saúde, por não dormir o necessário e nem se alimentar de forma correta. Outro aspecto se refere ao trabalho desempenhado na instituição, que lhes exige expediente além do normal, devido ao volume de tarefas atribuídas

às funcionárias no setor administrativo, e às docentes, com atividades extra sala de aula. Estas professoras, por terem seus contratos de trabalho por hora/aula, desempenham atividades de trabalho também em outras instituições.

História idêntica é vivida pelas funcionárias M_1 e M_4 .

M_1 : "Eu saio de casa, às sete e meia da manhã, enfrento uma rotina de trabalho que é das oito horas até mais ou menos meio dia e meia. Volto para casa, almoço mais ou menos em quinze ou vinte minutos. Fico na hora do almoço em casa, no máximo meia hora. Volto imediatamente para o trabalho. Nos dias que eu dou aula, que é 4ª e 5ª feira eu tenho mais ou menos uns quinze minutos só. Só quinze minutos para tomar um banho e jantar. Então eu penso assim, eu chego é 5 minutos para atender alguma coisa da família, 5 minutos para tomar banho e 5 minutos para jantar".

M_4 : "Eu fui no médico e ele falou pra mim, assim: Você vai ter que sair desse trabalho pesado, porque você não vai agüentar. Se você continuar, daqui uns tempos você vai andar em uma cadeira de rodas (...). E, nós tivemos também lá na UCDB, um período de serviços que foi muito puxado. Forçou demais, sabe? Aliás, nós três que trabalhamos ali todo

dia, fazendo aquela mesma coisa, a mesma rotina, eu falo uma rotina de trabalho muito puxado, nós três estamos com o mesmo problema".

Procuramos também conhecer e analisar o que era mais importante no cotidiano das funcionárias pesquisadas, o trabalho, o estudo ou a família.

M₂: "Eu tenho dado importância, há um bom tempo, principalmente ao trabalho, que é o meu meio de sustento, sustento praticamente toda a minha família, e então eu preciso do trabalho. Em segundo lugar, eu estou dando importância aos estudos, e em terceiro acaba ficando a família. Então, eu penso o seguinte, hoje eu preciso dar essa importância, porque é um momento em que eu estou formando o meu futuro, e o dos meus filhos. Não que eu ache que eu deveria dar muito maior importância para o trabalho, eu acho que não. Eu acho que a família é que deve estar em primeiro lugar, deveria ter importância, acima de tudo. Só que no dia a dia, a gente acaba deixando a família, por causa da necessidade financeira".

Esta fala vem de encontro à questão do próprio sistema capitalista em que vivemos e que determina o modo de vida das pessoas, fazendo com que estas dêem prioridade às questões

materiais, relegando a segundo plano o aspecto sentimental. Percebemos também que a entrevistada demonstrou ser determinada em suas decisões e ter consciência da realidade em que vive. Conforme nos relatou, *"o ideal é que a família esteja em primeiro lugar, ela é a base de tudo"*; no entanto, o real, como foi ressaltado, tem se dado de forma contrária, a família tem ficado em último lugar, o trabalho e o estudo vem no cotidiano da mulher ocupando grau de maior importância.

Assim é que M₃ se analisou:

"(...) a questão mais importante hoje para mim, sem dúvida é a UCDB, o meu trabalho e a minha faculdade. Essa é a minha felicidade. Embora eu amo muito os meus filhos".

A representação social do trabalho para a *mulher* é expressa por meio do sentimento de felicidade, e em relação à família pelo amor. Porém, não basta ter sentimento, é preciso colocá-lo em prática no dia-a-dia. Pelas falas das entrevistadas, verificamos que isto não vem ocorrendo, pelo contrário, o fato de estarem se dedicando mais ao trabalho tem sido motivo de desavenças e conflitos familiares.

M₁: "Em relação ao trabalho /família, eu acho que eu dou um valor igual, embora, a minha família acha que eu dou mais valor para o trabalho (...) eles fazem essa

avaliação, e muitas vezes me cobram, principalmente o meu marido me cobra, e me pergunta qual é a prioridade para mim. Eu até tenho dificuldade de falar para ele, que a prioridade é a família, porque ele não acha. Então eu procuro na verdade fazer um equilíbrio, mas, sim, porque eu estou num momento, já faz algum tempo, que eu tenho me dedicado mais ao trabalho. Mas também é por prazer, não é só pela questão financeira, por estar aprendendo, crescendo. Acho que as oportunidades surgem na vida e, elas aparecem, e você tem que aproveitar".

As funcionárias revelaram que a maior importância é a dedicação ao trabalho e ao estudo, sendo apenas uma questão de momento, ou seja, estão organizando o seu cotidiano em torno do "aqui" e do "agora". No entanto, existem situações familiares importantes que devem ser atendidas de imediato e, se isto não acontecer, as consequências poderão se tornar perigosas. Se postergadas, às vezes, não terão mais condições de serem solucionadas.

A mulher hoje procura aproveitar todos os momentos de sua vida, principalmente, as que possuem maior nível sócio-econômico-cultural, pois têm mais oportunidades e, geralmente, trabalham por prazer, por aprender, crescer e se realizar:

M₃: "Não é pelo dinheiro, porque o dinheiro no meu conceito, não traz felicidade. O que traz felicidade é você se realizar, não importa em que seja. Se você é uma faxineira, e você fica jogada lá, você acha que ninguém te dá valor. Tem muitas que se menosprezam por ser faxineira, eu acho que não é assim. Lamente menos e lute mais".

M₁: "(...) como eu gosto muito do que eu faço, eu tenho muito prazer em estar trabalhando. Então não é uma coisa que me pese".

Pelas falas das entrevistadas, verificamos que estas expressam o desejo de lutar no sentido da realização pessoal, e que a vida cotidiana deve ser organizada em torno do momento presente.

Com vistas a atingir o objetivo desta pesquisa, procuramos conhecer também o dia-a-dia das funcionárias através de seus familiares, e foram por nós ouvidos dois esposos e duas filhas, revelando-nos que o cotidiano destas *mulheres* é bastante agitado. Os maridos expressaram o seguinte:

F₃: "(...) ela trabalha praticamente além do que deveria trabalhar. É lógico, eu não posso achar ruim, porque ela está ajudando também dentro de casa. Mas(...) eu creio que trabalhando dois períodos era suficiente. Tem dia que ela trabalha

cedo, à tarde e a noite".

F₁: "Eu acho assim que (...) prá gente tomar uma decisão na vida, por exemplo, eu vou trabalhar fora, eu vou trabalhar até tantas horas da noite, eu vou estudar, eu não posso me esquecer das minhas obrigações de casa, e nem que eu tenho dois filhos pequenos. Então, se eu iniciei uma coisa, eu tenho que dar continuidade àquilo, mesmo eu estando cansada, eu não posso fazer, da minha obrigação, um pesadelo dentro de casa, tipo, eu estou cansada, eu não vou fazer almoço, eu não vou fazer jantar, fulano já tá na idade, tem que se virar. Se eu comecei uma coisa, eu tenho que ser uma pessoa é (...) vitoriosa lá fora, e uma pessoa como se diz, assim (...) dedicada dentro de casa".

Verificamos que F₃ reconhece que a *mulher* está trabalhando além do que deveria, e reconhece também que o trabalho da M₁ ajuda no sustento familiar, portanto, tem valor. No entanto, sente falta de maior presença e participação desta no ambiente doméstico, e gostaria que a mesma trabalhasse menos fora de casa.

F₁, em suas declarações, ressaltou gostar que sua esposa se ocupe eficazmente da educação extra-escolar de seus filhos e cobra desta o cumprimento das obrigações domésticas.

Considera que se a *mulher* optou por uma dupla jornada de trabalho, tem que ser eficiente em ambas, não interessando o significado e conseqüências desta. Isto nos leva a interpretação de que o seu desejo é que a M_3 permaneça na condição de subordinada e que a relação seja de dominação do homem. Hoje, ela não aceita mais viver nesta condição, sob a pressão do marido. Observamos ainda, no decorrer da entrevista, que o F_1 encontrava-se extremamente emocionado, pois estavam separados há um mês, e o motivo da separação foi exatamente a questão do cotidiano da *mulher*, ou seja, o trabalho fora de casa e o estudo, não sobrando muito tempo para dedicação à família.

Outro aspecto sobre o qual podemos refletir é que a crescente autonomia da M_1 levou-a a colocar seus projetos de vida individuais em primeiro plano, os quais nem sempre são compatíveis com os projetos familiares, ocasionando, com isso, conflitos e desestruturação familiar.

Com a entrada da mulher no mundo do trabalho, torna-se imprescindível rever, no cotidiano, assuntos como o da realização das tarefas domésticas, a socialização e o cuidado das crianças.

Pelo depoimento das filhas, percebemos que estas também acham que o cotidiano das mães é muito puxado e cansativo.

F₄: "Eu acho assim (...) que é muito puxado para ela. Pela idade, pelo problema que ela tem. Eu acho que é muito cansativo".

F₂: "Olha (...) Ela levanta (...) que eu saiba, porque agora eu estou ficando um pouco na minha avó, mais na minha avó. Aí ela levanta cedo, vai para o trabalho. De vez em quando ela vem almoçar. Aí, volta para o trabalho de novo, fica lá até as cinco horas. Tem dia que ela tem aula, porque a noite ela dá aula. Tem dia que ela não dá aula. Quando ela dá aula, ela fica até as dez e meia e volta. Aí, quando ela não dá aula ela fica com a gente. Ela fica pouco tempo em casa, e quando está fica mexendo com o computador".

Conforme a descrição da F₂, verificamos que a mãe possui realmente uma rotina que está totalmente voltada para o trabalho e o estudo, não dispondo de nenhum tempo para a família. Este fato levou ao distanciamento dos laços familiares, fazendo com que a filha passasse a se apegar e conviver mais com outros membros familiares, irmão e avó.

F₂: "O meu pai também fica trabalhando o dia inteiro. O meu irmão fica comigo, porque a gente estuda de manhã, e a tarde ele fica comigo. E a minha irmã pequena, ela estuda à tarde. Eu vejo ela

só na hora do almoço e a noite. Fica todo mundo fora de casa".

Na organização do cotidiano, o uso eficaz do tempo, constitui-se em um elemento básico. Portanto, é essencial que a mulher estabeleça quais são os objetivos prioritários, em relação às diversas atividades a serem executadas. O uso do tempo não deve ser visto pela quantidade do que fazemos, mas sim pelo resultado obtido com o que foi feito. E, conforme afirmou Souza (1998, p. 34), *"a capacidade de mudar ou de alterar o rumo de nossa vida é a mais importante arma que possuímos"*

Portanto, a mulher precisa compreender mais a rede de relações sociais existente na sociedade, despertar melhor seu nível de consciência e autocrítica, para poder entender os conflitos e contradições, saber trabalhá-los e organizar o seu cotidiano de forma menos estressante e mais satisfatório.

3.2 - A mulher e o trabalho

Conforme já abordamos no capítulo II, o trabalho das mulheres não é uma novidade desta época. Estas sempre trabalharam, e não só em serviços leves, como podemos perceber através da fala da funcionária M₄.

"Eu comecei a trabalhar na roça, ajudava a fazer de tudo (...). Logo que eu mudei

para a cidade eu já fui trabalhar de lavadeira. Aí, apareceu um serviço em um hotel e eu fui trabalhar lá. Meu marido não queria que eu fosse trabalhar lá, mas, ele não dava conta de sustentar. E, eu fui trabalhar (...). Trabalhei nesse hotel durante doze anos”.

Verificamos, pela descrição, que os tipos de trabalhos desempenhados eram ocupações que não exigiam maiores qualificações, e que somente os rendimentos auferidos pelo marido não eram suficientes para o sustento familiar. Portanto, este é um dos motivos do ingresso de M_4 no mercado de trabalho. Percebemos ainda que a entrada desta senhora na realidade do trabalho se deu em conjunto com a família na agricultura, e que sua permanência, em um mesmo trabalho, ocorreu por um período bastante longo.

No entanto, tivemos também dados que nos mostraram uma outra realidade vivida pela *mulher*. A que desempenha atividades supostamente melhores e exerce cargo de comando e chefia. É M_1 :

“Tenho uma faixa de novecentos funcionários. Tenho um trabalho social bastante extenso (...). Eu tenho um cargo muito político também, que envolve negociações, articulações, envolve

também um encaminhamento da Instituição junto com a Presidente, na área técnica, na área política, porque (...) o assistente social ele já vem descobrindo isso a algum tempo. Então eu vou para eventos, represento a Instituição, vou negociar projetos para financiamentos, atendo funcionários, atendo coordenadores e qualquer problema que tiver na Instituição".

Este depoimento demonstra um tipo de trabalho que requer qualificação e logicamente oferece maiores oportunidades de vivência e experiência. É um trabalho que não está reduzido a tarefas de execução mecânica, e que proporciona à *mulher* as mais diferentes formas de relações sociais.

Comparando os dois tipos de trabalhos, podemos analisar que, atualmente, as *mulheres* se fazem presentes em ambos, em maior proporção nas atividades de caráter físico, porém, algumas com participação ativa nas atividades intelectuais.

Outro aspecto é a questão de que o trabalho manual, de caráter físico, é rotineiro enquanto que o trabalho intelectual e de maior qualificação tende a ser mais dinâmico e diversificado, conforme podemos comprovar nas seguintes falas.

M₄: "A minha rotina de trabalho lá é assim: eu entro às nove horas. Trabalho na

limpeza da creche das nove às onze. Das onze até o meio dia faço a limpeza de sala de aula. Aí, paro uma hora para o almoço. Às treze horas a gente passa o cartão e vamos trabalhar até as dezoito horas (...) Todo dia é essa rotina nossa".

M₁: "Meu dia a dia, não é rotineiro. Ele é muito interessante, até. Um dia eu tenho uma reunião, um dia eu estou numa representação, outro dia eu estou com o grupo aqui do meu trabalho, outro dia eu estou fazendo um documento, ou eu vou para Brasília, desenvolver o meu trabalho lá, o que eu gosto muito também, porque tenho oportunidades de ter uma visão maior das coisas".

Outros aspectos a serem analisados, no cotidiano de trabalho das mulheres funcionárias da UCDB, referem-se à função e ao volume de atividades atribuídas a estas.

M₄: "É uma correria pra dar conta, se não correr não consegue fazer todo o serviço. Tem pouco funcionário e o tempo é pouco para tanto serviço. Tem muito serviço mesmo, principalmente agora nessa época que faz muita poeira, venta muito e não pára nada limpo (...) no fim do dia eu chego em casa e eu não consigo nem trocar de roupa, de tão cansada. Chego e

vou deitar, e fico lá, porque não agüento mais ficar em pé".

M₃: "Você tem que deixar tudo organizado, você tem que arrumar as mochilas, você não pode misturar as roupas, você não pode deixar uma criança despenteada, você tem que trazer eles bonitinhos para a frente, então essa é a minha função: três em um. E sem falar que tem que organizar os brinquedos, lavar brinquedos, na hora da papinha você tem que supervisionar, olhar o que está sendo colocado, tem que atender, quer dizer, é três em um".

M₂: "A minha função, ela é multifuncional, nós somos multifuncionais, nós temos várias funções que a gente acaba desempenhando, pela própria estrutura da Instituição. Então é orçamento, custos, serviços de tesouraria, tudo, contabilidade a gente assessora um pouco. Então um pouquinho de cada".

Refletindo sobre as funções e atividades desempenhadas pelas mulheres funcionárias, verificamos que o trabalho correlaciona-se à questão da necessidade, tem sempre uma finalidade e supõe esforço. Portanto, às vezes é uma atividade penosa, contudo, necessária, para a empresa e para a sobrevivência

do ser humano.

Tendo em vista a organização do mundo do trabalho, a modernização e a globalização capitalista, o trabalho hoje é definido com vistas à maior produtividade. A força de trabalho é tida como uma mercadoria, e o que se busca é a máxima eficiência. Desse modo, o trabalho transforma-se em fonte de alienação e vida estressante. Porém, o trabalho deve ser um processo em que as relações sociais são concretizadas, viabilizando a própria objetivação dos indivíduos e a auto-realização do ser humano.

As atividades exercidas pelas mulheres entrevistadas na instituição exigem, no seu processo de organização, detalhes específicos, visando sempre a maior qualidade e obtenção dos objetivos.

Apesar das funcionárias desenvolverem várias funções na instituição, gostam do trabalho que executam, esforçam-se para fazer o melhor, dão importância e são compromissadas com as atividades que desenvolvem.

M₁: "Na Universidade eu sou professora, eu já tenho bastante tempo. É, eu me sinto muito satisfeita, porque é (...) para mim é importante fazer essa troca com os alunos. Porque, o que eu aprendo fora, eu acho que eu passo um pouco lá na Universidade, porque aí me obriga também a estudar com eles, a fazer uma

discussão mais teórica, isso me ajuda também na prática (...). Então eu sinto que eu estou contribuindo muito. São dois lados, um da sua contribuição e outro do seu crescimento".

M₄: "Eu gosto de trabalhar lá, eu sinto bem (...) eu gosto do meu trabalho, do que eu faço lá".

M₂: "Eu gosto de trabalhar, eu gosto do que eu faço. Eu acho muito interessante. Dou importância também, eu acho que é uma área extremamente importante dentro de qualquer instituição, empresa ou organização. Às vezes a gente se sente um pouquinho frustrada, (...) eu acho que o meu trabalho, o meu desempenho poderia ser muito melhor se algumas coisas, algumas novas situações fossem introduzidas lá dentro (...). Então sobraria mais tempo, eu poderia me dedicar mais ainda no que de fato eu deveria estar fazendo. A gente acaba não dando conta de tudo, e acaba fazendo meio superficialmente. A gente poderia estar trabalhando muito melhor essa área".

A entrevistada M₂ considerou que a sua produção poderia ser muito melhor, se a instituição adotasse novos

mecanismos de organização e administração do trabalho. Com estes dados, percebemos que a *mulher* demonstra ser capaz, utiliza da autocrítica e tem visão da realidade na qual se encontra inserida.

No entanto, na relação empregado/empregador, destaca-se um sentimento de não reconhecimento e valorização de seu esforço e empenho.

M₁: "Às vezes acho que a Universidade não valoriza, como deveria valorizar. Sinto, nem sempre estar valorizada na Universidade, eu acho que o salário é baixo, muitas vezes a gente tem trabalhos extras, com resultados importantes para a Universidade e que eles não dão a importância devida para isso".

A questão da valorização é muito relativa, porque o que tem valor e é importante para um, pode não ter a mesma importância e significado para o outro. Desta forma, é necessário conhecer e apreender os objetivos, interesses e condições institucionais, de modo a conciliá-los com os objetivos e interesses pessoais e profissionais.

No que se refere à questão da interação e relacionamento no ambiente de trabalho, as entrevistadas a consideraram sem problemas.

M₄: "Parece que as pessoas de lá também gostam de mim. O meu relacionamento lá é bom".

Como é sabido, no processo de interação e relacionamento, o instrumental básico a ser utilizado deve ser a linguagem. É através desta que as representações sociais são expressas. A linguagem reproduz uma visão de mundo e o sujeito se põe em interlocução com outros.

Analisando a questão do trabalho por outro ângulo, temos que a atividade economicamente produtiva não exclui as mulheres da responsabilidade do trabalho doméstico. Este ainda é visto pela sociedade como desqualificado, não produtivo e de responsabilidade feminina. Porém, as mulheres funcionárias têm tido pouco tempo para se dedicarem ao trabalho doméstico, e a divisão das atividades na família, quando ocorre, tem sido apenas no sentido de ajuda a elas.

M₄: "Quando tinha o meu marido, ele, quando não estava (...) na pinga, ele ajudava, ele cozinhava. Eu trabalhava durante a semana e no domingo eu ia lavar a roupa e ele cozinhava".

M₂: "A atividade doméstica, fica mais por conta da mulher, da mãe, principalmente nos finais de semana, que são os dias que eu paro mais em casa. Quer dizer, de manhã arrumar cama, dar uma varrida na casa, por menos que fique serviço, sempre tem, basicamente centra todinho na mulher. Aqui em casa é muito difícil

distribuir tarefas. E eu acho que um pouco também é porque (...) quando eu comecei ter empregada em casa, as crianças acabaram se acomodando, porque estão acostumadas a ter alguém para fazer (...). Agora para a gente pegar isso é difícil, é muito difícil, porque os filhos já não obedecem você mais, mandar fazer é uma coisa, você pedir é outra. Quando você pede com carinho, aí você consegue, mas fora isso é muito difícil, então a distribuição igualitária, democrática, não existe".

Os dados nos mostram também que o padrão de vida sócio-econômico influi na distribuição das atividades domésticas. Quando este permite a contratação de alguém que faça o trabalho, a dona da casa fica liberada desta tarefa, porém, esta passa a ser desempenhada por outra mulher, a qual recebe remuneração para tal. No entanto, no que se refere aos outros membros familiares, cria acomodação e dependência, muitas vezes, não dando oportunidade aos filhos de aprendizado e atribuição do devido valor a este tipo de trabalho. Portanto, nesta realidade, não ocorre a distribuição igualitária, e quando é necessário executar qualquer atividade, a M_2 não pode usar a autoridade, precisa recorrer a atitudes de carinho para conseguir a realização do

trabalho. Este tem ficado todo na responsabilidade dela, levando-a a atitudes de cansaço, nervosismo e falta de paciência.

M₂: "Tudo fica com a mulher. Lembrar de contas que tem que pagar, as obrigações de tarefa que os filhos tem na escola, prova, tudo foi sempre sobre as minhas costas. Então, além de todos os problemas, você imagina, você chega cansada em casa, irritada, e tem que se acalmar para poder ajudar um filho que está com dificuldade na tarefa, e que tem prova, e que se você não pegar, não vai estudar. Tudo isso é desgastante, mas tem que saber lidar. Eu não soube, durante esse tempo todo, eu de certa forma acabei ficando um pouquinho, deixei muito a desejar, eu acho".

A M₂, por meio de sua fala, deixou claro que as atribuições desta no ambiente doméstico não se limitam às tarefas de lavar, passar, limpar e cozinhar. Esta vem assumindo todas as responsabilidades, como pagar contas e a tradicional educação dos filhos, com acompanhamento às atividades escolares. Reconheceu que a mulher tem que estar preparada para assumir todo o papel a ela atribuído, porém, admite que falhou, não foi capaz de conseguir conciliar todas as suas funções.

O trabalho doméstico, atualmente, vem representando, no cotidiano das *mulheres*, de menor poder

aquisitivo, algo pesado, rotineiro e que é desenvolvido nos horários que deveriam ser de descanso. Porém, estas funcionárias se vêem obrigadas a desempenhar este trabalho doméstico, mesmo estando cansadas. Desta forma, a *mulher* executa uma dupla jornada de trabalho, e não tem tempo de folga.

M₃: "Mas, não é fácil, você ter que levantar cedo, e o dia que você tem para descansar que é no sábado e no domingo, é hora que você tem que ralar. Tem dia que você nem agüenta, você tem que fazer, porque a outra semana começa e como você vai deixar. Por exemplo: eu não tenho uma máquina de lavar, eu lavo aquela roupa na mão, de dois filhos, marido, a minha... E na hora de passar aquela roupa, é horário que eu chego da escola, que eu vou passar um pouco daquela roupa (...) às vezes alguém quer ir na sua casa, e você tem que cozinhar, sujou louça você tem que lavar, a casa você tem que deixar limpa para segunda feira (...). Você não tem descanso".

A funcionária M₃ ainda comparou a sua situação de vida com a do marido, retratando que este se vê com direito ao descanso e que, no entender dele, ela não tem razão em reclamar da vida que leva, uma vez que a opção de trabalhar fora de casa foi dela.

M₃: "O homem não, o homem chega em casa deita no sofá e fica na frente da televisão, e ainda fala para você: 'mas eu estou cansado. Você não escolheu isso? Você não escolheu essa jornada? Você não quis trabalhar para fora? Não era isso que você queria'? Aí, você tem que ficar quieta. Porque era isso que você queria (...). Você está trabalhando, você está lutando, e o seu companheiro, o seu marido que está ao seu lado, não percebe o quanto você luta. Quer dizer, aí é mais triste".

A fala revela uma atitude de rejeição do marido ao trabalho desempenhado fora de casa pela *mulher*, bem como a falta de compreensão e colaboração deste, gerando, na companheira, sentimento de tristeza, revolta e desencadeamento da separação familiar.

Porém, quando entrevistamos o F₁ e questionamos sobre o que achava da sua mulher trabalhar fora de casa, obtivemos a seguinte resposta:

"Eu acho uma ótima coisa. Eu acho bom a mulher trabalhar fora. Eu não sou aquele cara que acha que mulher tem que ficar dentro de casa (...) eu sou contra o feminismo, eu sou a favor daquela mulher (...) dedicada. Acho que a mulher tem que ser amiga, tem que ser companheira, ela

tem que ser mãe. Não precisa muitas vezes ela pôr a mão na massa, basta que (...) com uma palavra amiga, e uma palavra de apoio (...) ela seja apenas a torcida da família".

Analisando os dados, verificamos que as informações são contraditórias, e que o F₁, apesar de dizer que acha bom a esposa trabalhar fora, percebemos que é somente na aparência dos fatos. Segundo a concepção dele, ela não precisa pôr a "*mão na massa*", não tem necessidade de desempenhar trabalho extra domiciliar. "*Ela tem que ser mãe*", dedicar-se às funções reprodutivas.

Quando questionamos o F₃ sobre o que achava da mulher trabalhar fora de casa, este revelou:

"Eu acho que a mulher de hoje, por mais que ela esteja casada com uma pessoa que dá para sustentar a família, a mulher de hoje tem que trabalhar fora de casa; ou ter o próprio negócio dela, mesmo dentro de casa. Ela tem que ter uma ocupação. É (...) já foi o tempo da mulher ficar, em casa, eu acho. A mulher de hoje, é (...) igualdade. Ela trabalha igual ao homem, ou até melhor. Tem mulheres que ocupam diversos cargos por aí, que muitos homens gostariam de ter".

Conforme explicitou o F₃, ele é favorável à mulher

trabalhar fora de casa, acha que ela tem que ter uma ocupação mesmo que não necessite economicamente, reconhece a capacidade laborativa das mulheres e os espaços que estas vêm assumindo.

Na questão do trabalho fora de casa, as filhas expressaram da seguinte forma:

F₂: "Oh! Para mim, tanto faz. Agora, para ela é cansativo. Porque ela corre muito, fica estressada. Para ela seria melhor trabalhar só dentro de casa".

F₄: "Eu falei para ela: 'se não der para trabalhar, tem eu e meus irmãos que podemos ajudar'. Um ajuda com uma coisa, o outro ajuda com outra".

Verificamos, pelos depoimentos, que as filhas preferem que as mães trabalhem apenas em casa. A F₂, provavelmente, por sua condição de adolescente, demonstrou não estar interessada na situação, no entanto, considerou que se a mãe ficasse apenas em casa seria melhor. E a F₄, talvez por ser uma senhora casada, com filhos e bastante amadurecida, demonstrou preocupação com a realidade vivida pela mãe, e se dispôs em ajudá-la financeiramente, a fim de que a mesma deixe de trabalhar fora.

Em síntese, no geral, todos os familiares consideraram os aspectos positivos do trabalho desempenhado pelas *mulheres* fora do ambiente doméstico, no entanto, gostariam que a situação fosse de maior convivência e relacionamento familiar, que estas tivessem mais tempo para dedicação ao lar.

F₃: "Gostaria que ficasse mais em casa, não ficar enfiada dentro de casa, mas que pudesse ter um pouco mais de convivência".

Quanto à questão do trabalho da *mulher* auxiliar financeiramente no sustento familiar, os entrevistados familiares disseram que:

F₃: "Aqui em casa, além de comprar as coisas dela, é lógico, ajuda totalmente dentro de casa, no sustento da casa".

F₂: "Ah! Ajuda demais. Ela tem que trabalhar fora, para sustentar a família".

E a M₁ explicitou:

"Acho que nunca nós poderíamos ter esse nível de vida se eu não estivesse trabalhando fora. Acho que proporcionou equilíbrio de vida familiar essa contribuição que eu dou, e que muitas vezes é maior que a do marido".

Percebemos que, atualmente, para manter as

condições de sobrevivência da família, é necessário contar também com os rendimentos auferidos pelo trabalho da *mulher*. Na maioria dos lares, estes chegam a ser superiores à renda obtida pelos cônjuges.

Os familiares consideraram ainda que o trabalho da *mulher*, apesar de ser cansativo e estressante, contribui financeiramente para a melhoria das condições de vida familiar, e tem proporcionado às *mulheres* ampliação do conhecimento, amadurecimento e capacitação profissional.

F₂: "Ela tem aprendido várias coisas também, tem tido mais conhecimento".

F₃: "Acho que foi importante o trabalho para o próprio amadurecimento dela. Profissionalmente foi ótimo para ela".

3.3 - A mulher e a família

O trabalho assalariado das *mulheres* representa a valorização, independência, autonomia e mais respeito do marido e dos filhos. Estes fatores vêm introduzindo modificações na qualidade das relações de autoridade e poder no interior do grupo familiar, conforme pudemos perceber pela fala abaixo descrita:

M₁: "É, mas, veja bem, em relação a isto, às vezes dá uma certa autonomia; o fato

de ter um dinheiro, de poder muitas vezes determinar, dá uma independência. Eu decido, e até pelo meu jeito de ser, mas eu considero que isto é na minha família, o meu marido é um pouco descansado em relação à dinheiro. Então, até o dinheiro dele quem tem que administrar sou eu. Porque ele não gosta de pensar em dinheiro, contas para pagar, então, às vezes, ele deixa para mim o que tem para pagar, o que tem para fazer, ele passa o dinheiro para mim".

Temos, portanto, um tipo de *mulher* decidida e que assume funções, às quais, antigamente, eram exclusivas do sexo masculino. Hoje, administra as diversas questões familiares, porém, encontra-se sobrecarregada de atribuições, não dispondo de tempo para mais nada.

Desta forma, as relações familiares vêm sendo, aos poucos, modificadas, resultante de novos valores, papéis, concepções e necessidades. Assim sendo, verificamos que a família é um produto do sistema social e reflete o estado de cultura do mesmo.

Pelos dados coletados percebe-se que a organização do cotidiano na família está se transformando. Em algumas famílias há uma nova distribuição de papéis conjugais, as *mulheres* saindo de casa para o trabalho remunerado e os maridos

assumindo cada vez mais as atividades domésticas. Mas, ainda não podemos generalizar este aspecto, uma vez que este fato não se apresenta em todas as famílias.

A tendência dominante é o ingresso das mulheres na força de trabalho e a intensificação da dupla jornada para estas.

Percebemos uma inversão nas funções e papéis na família. *Mulheres* estão se tornando as provedoras do lar, enquanto que os maridos permanecem em casa, assumindo as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos.

M₁: "Mas, ele tem outras coisas que ele gosta de fazer. Ele gosta de cuidar das coisas da casa, ele faz as compras, então a gente procura se dividir, dependendo das habilidades de cada um, daquilo que cada um mais gosta de fazer".

Assim sendo, existem padrões culturais da família nuclear que continuam sendo mantidos e transmitidos no processo histórico de geração em geração, enquanto que outros vêm sendo modificados em função desse novo cotidiano vivido pelas mulheres. Porém, o mais importante é que a família seja transmissora de valores e padrões que levem à efetivação da cidadania.

Em relação ao significado e importância da família, a entrevistada M₂ revelou:

"Hoje eu diria que ela seria tudo para

mim. Não tem nada mais importante (...) a gente quer dar valor a família, quer dar importância, mas acaba deixando de lado, por essas necessidades materiais, que a própria sociedade criou e a gente vai no caminho. Então, eu tenho até de uns dias para cá, eu tenho me dedicado um pouquinho mais para a família. Dado importância a pequenas coisas, que antes eu não dava, como jantar, comer junto na mesma mesa, ir junto para determinados lugares, levar os filhos, ficar junto. Mas, isso é bem recente, mais por problemas que a gente acaba tendo, e começa a perceber que as coisas têm que ter um pouquinho de controle. Não é simplesmente priorizar esse trabalho, priorizar o estudo e deixar a família de lado, apesar de, eu ainda estar priorizando trabalho e meu estudo. Mas, a gente tem que tentar achar um tempinho para dedicar à família, não tem jeito".

Percebemos que a funcionária tem consciência do valor e da importância da família, porém, é levada pelas condições materiais criadas pelo sistema capitalista, deixou a dedicação à família em segundo plano. Hoje, sente o problema, quer consertar, mas por necessidade do momento, ainda continua priorizando o trabalho e o estudo, em detrimento das questões familiares. Atenção

a pequenos detalhes no ambiente familiar é um fator preponderante para um bom relacionamento, e muitas vezes evitam consequências que podem afetar a convivência.

O relacionamento familiar é condicionado às trajetórias individuais dos componentes e ao modo como essas trajetórias se articulam.

M₄: "(...) foi em oitenta que eu separei do marido, porque ele bebia muito. Aí não deu mais certo, porque ele partiu para bater, queria matar, aí não deu mais e a gente se separou. Até hoje ele vive sozinho para lá e eu estou para cá".

M₃: "(...) quanto ao relacionamento com o marido, não há diálogo. Porque a partir do momento que você tem a vida tripla, não é nem dupla a jornada de trabalho, ou um chega e o outro está dormindo, ou levanta cedo e 'olá eu estou saindo'. Então não há diálogo, e a sua vida começa a esfriar em todos os sentidos, porque o casal se distancia. Mas, quando a gente percebe já está afundado, porque aí não dá para você conversar. Porque um chega e o outro sai".

Verificamos um relacionamento conflituoso e agressivo, no que se refere aos maridos, fruto da jornada de trabalho

do casal, não dando pistas quanto à volta ao diálogo. Apontamos também para a situação da desestruturação familiar tendo como causa o vício e a agressividade, fatores estes que a mulher não teve condições para suportar.

A fala seguinte nos revela a figura do homem que traz o condicionamento cultural da família patriarcal, onde o homem é que tem que ser o provedor do lar, o dominador, e a mulher deve permanecer na condição de subordinada e excluída do trabalho produtivo, sem "vitórias" e sem "glórias".

M₃: "(...) quando chega na hora de apoiar a mulher no trabalho, na escola, em tudo que deveria ser a mulher, ele não apoiou, ele falhou (...) Então, o homem, por ele ser machão, ele acha que tem que pôr tudo dentro de casa, que ele tem que batalhar, que ele tem que fazer. Quando a mulher vai fazer tudo isso, ele não admite. Embora, o meu fala que admite, mas ele não admite, porque ele chegou a me encostar na parede, ou faculdade ou família (...) acho que, quando a mulher tem o apoio do marido, da família, num todo, é mais fácil. Agora quando ela é excluída em todos os sentidos, aí é mais triste ainda. E é doído também, porque quando você chega a ter uma vitória, e vai contar para o companheiro, ao invés de te ajudar, te puxa o tapete, é mais triste ainda".

Neste relato, há a representação da vontade da *mulher* em ser vitoriosa, e o sentimento de tristeza desta por não ter o apoio familiar. O apoio familiar é um elemento essencial na organização do cotidiano do indivíduo, e quando este não é oferecido, transforma-se em motivo de desavenças e até desestruturação do lar. Continuou M₃:

"O motivo da separação foi esse, por ele não apoiar, por ele não reconhecer, ele dificultou em tudo".

A funcionária relatou que a *mulher* moldada para ser mãe, sufocou-se em sua individualidade restrita ao lar, e uma de suas necessidades era buscar e definir uma identidade de *mulher* livre, independente do espaço doméstico, de exigências, papéis e limitações colocadas a partir da relação familiar.

M₃: "Quando você passa a viver a realidade, ela é dura, é difícil, aí eu percebi que eu tinha que trabalhar, que eu tinha que correr atrás do prejuízo, que não era aquela vida que a minha mãe tinha, que as minhas irmãs têm, que eu quero para mim. Tanto que, das minhas irmãs, eu sou a única que estou fazendo faculdade. E, quando foi para trabalhar, nessa correria, nessa agitação, eu era chamada de louca".

Para M₃, a busca de uma identidade livre,

independente e as mudanças ocorridas deixaram marcas profundas. Percebemos que esta família ainda atua, transmite e reproduz a ideologia da família nuclear. Porém, a *mulher* vai à luta e estabelece novas relações sociais, pois:

“A bandeira de luta pela cidadania plena deve transformar o cotidiano do trabalhador em algo bom, satisfatório, sob condições que respeitem a própria vida, dando chance também à questão de desejo - a identidade do indivíduo com as atividades que realiza” (Covre, 1991, p. 73).

Em relação aos filhos, as famílias devem oferecer mais do que a sobrevivência, devem estar preparadas para acompanhar as etapas de crescimento e desenvolvimento, educando-os e capacitando-os, para serem responsáveis, independentes e conscientes quanto aos seus direitos e deveres.

No relato de M₃, temos:

“Eu crio meus filhos com muita verdade. Qualquer dúvida, perguntem para mim. Eu alerta muito eles”.

E na de M₁:

“Agora, uma casa que tem duas adolescentes, é difícil não ter conflito. E eu tenho uma dificuldade de lidar com conflitos, eu não gosto (...) e aí eu fico

muito irritada, e penso, eu preferia estar trabalhando nessa hora".

As relações sociais, normalmente, são permeadas por conflitos, e as mulheres, como elementos mediadores na relação familiar, devem estar preparadas para enfrentar estes momentos e não se omitir como se eles não existissem, ou deixar passar a hora correta para intervenção.

A maneira preferencial para lidar com estes é o diálogo e o entendimento. É preciso aprender a conviver com as diferenças, uma vez que estas são fundamentais no processo de relacionamento familiar.

M₂: "É, com filhos na adolescência, surgem os conflitos, aí a gente vai querer corrigir uma coisa que está no passado (...). A gente acaba errando sem consciência, porque acha que aquilo está certo, não imagina o que pode vir no futuro. Então, essa priorização da família hoje, apesar dela começar a aparecer aqui em casa, ela não tem gerado mais aquele retorno que nós esperávamos, porque já passou muito tempo".

A mulher que tem filhos na adolescência precisa ter maior disponibilidade de tempo para acompanhamento e dedicação a estes, tendo em vista que os mesmos só se abrem e contam alguma coisa, após uma convivência amiga.

Conforme Bruschini (1986), a família, ao exercer sua ação socializadora, atua também como agência de transmissão e de reprodução ideológica. Por este motivo, o relacionamento familiar não deve ficar desgastado. Esta é a fala de M₂ sobre este relacionamento:

"eu diria que ele ficou bastante desgastado durante esses anos que eu trabalhei fora, estudei muito, porque quando as crianças me procuravam para falar alguma coisa, a gente acaba tratando mal os filhos, tratando mal o marido. A gente não mede, porque nós temos que descarregar a nossa raiva, a nossa mágoa, angústia em alguém. E, geralmente, no emprego você se reserva, você se limita, porque se você fizer isso, você perde o emprego (...). E, na família não, você chega e fala, e acha que todo mundo tem obrigação de te ouvir e ficar quieto. Mesmo que retruque, você é que está com a razão (...). Então a família é um 'saco de pancadas', para a mulher que está trabalhando fora, está vivendo tudo isso (...). E a gente faz isso inconscientemente às vezes. Depois, quando você pára um pouquinho e analisa, você pensa: 'puxa eu não poderia ter falado assim, os meus filhos não têm nada a ver com o problema que eu estou

vivendo'. Na verdade, a gente tem que se reeducar e aprender a tirar da família o proveito dela, não usar ela como, para se proteger, a revidar aquela raiva. Eu acho que a gente tem que tentar usar a família, mais como uma questão de apoio, de cooperação".

Marx (1980, p. 58) chamou de cooperação "*a forma de trabalho em que muitos trabalham juntos, de acordo com um plano, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes mas conexos*". A cooperação é, portanto, força produtiva, atividade coletiva, trabalho socialmente combinado.

Assim sendo, a mulher precisa saber articular suas tarefas produtivas e reprodutivas, buscando o equilíbrio entre estas, de modo que o cotidiano seja menos desgastante.

A qualidade de vida da família depende da articulação e da organização do cotidiano, nas várias fases de desenvolvimento de seus componentes, bem como das formas de lidar com as transformações e mudanças nas relações pais e filhos, marido e mulher. Sabemos que este processo é extremamente difícil, porém, é essencial no sentido de enfrentar os desafios que são postos no dia a dia.

Um aspecto a ser destacado na questão das relações familiares é que, no passado, quando a mulher não trabalhava fora de casa, a relação estabelecida no âmbito doméstico

era mais próxima da mãe e permeada pela afetividade. No entanto, hoje, esta relação apresenta-se mais distanciada do elemento materno e mais ligada à figura do genitor. As mulheres têm permanecido pouco tempo dentro de casa, e quando se encontram neste ambiente, as suas tarefas são imensas, não lhes restando condições físicas, emocionais e de tempo para maior dedicação aos membros familiares. Desta forma, as relações encontram-se cada vez mais distanciadas e desgastadas, sendo, em alguns casos, motivos de conflitos e até desestruturação familiar.

Os dados nos levam a refletir que as diversas funções assumidas atualmente pelas *mulheres* têm provocado situações estressantes, e estas são descarregadas no ambiente familiar, prejudicando o relacionamento. A *mulher* usa da autoridade e poder que tem perante a família, para desabafar sobre as suas mágoas, angústias e insatisfações.

Os familiares entrevistados deixaram claro que o relacionamento com a *mãe/mulher* deixa a desejar, uma vez que esta permanece pouco tempo dentro de casa e, quando fica, está cansada e sem condições para uma convivência atenciosa e tranqüila. Assim relatou F₂ (filha):

"Eu me relaciono melhor com o meu pai, porque a minha mãe, ela chega aqui estressada do trabalho, e sai gritando com

todo mundo. Aí, a gente já se desentende".

E F₃ (marido):

"A gente sente falta da companheira para conversar. Tem hora que eu fico sozinho, porque uma filha estuda a noite e a outra sai; esposa também sai, e eu fico sozinho dentro de casa".

Desta forma, a questão do relacionamento familiar, na organização do cotidiano das mulheres funcionárias da UCDB, constitui-se em um aspecto que necessitaria ser refletido e repensado, visando à superação das dificuldades.

3.4 - A organização do cotidiano das mulheres na inter-relação trabalho/ família

A participação da mulher, na produção social, não se define apenas pelas condições e estrutura do emprego, mas também pela posição que ela ocupa na família e pela classe social a qual se encontra inserida.

De acordo com os dados levantados e já analisados, as mulheres pesquisadas não revelam um panorama de subalternidade na família.

O que tem ocorrido, em relação ao cotidiano familiar, é uma redefinição das funções da *mulher*. Porém, é preciso refletir sobre as condições em que estas vêm se efetivando.

A *mulher*, ao deixar de fazer apenas tarefas domésticas, passando a desenvolver também atividades no mercado de trabalho, passa a reavaliar os valores aos quais se submetia anteriormente, e a ter uma nova visão de mundo. No entanto, como já expressamos anteriormente, o desejo de ter sucesso profissional, às vezes, esbarra em dificuldades, como a da obrigação de manter uma dupla jornada de trabalho.

A sobrecarga de trabalho e a falta de tempo da *mulher*, tem a levado, com a família, ao isolamento do contexto social.

F₃ apontou para o isolamento do grupo familiar em sua fala:

"Ultimamente, nós estamos evitando que as pessoas venham aqui em casa, porque se não fica dando mais trabalho para ela, então nós estamos procurando evitar um pouco isso".

Assim sendo, a família apresenta-se como um grupo constituído de pais e filhos que se separam da sociedade, num processo de privatização da vida familiar. No cotidiano, vivem o tipo de família que foi possível construir, levando em conta seus valores, suas carências emocionais, sociais e econômicas.

Outro aspecto a ser destacado, na organização do cotidiano das mulheres funcionárias da UCDB, relaciona-se com a

questão do tempo livre, aquele momento em que há ausência de trabalho, que é dedicado ao lazer. Pelos dados levantados, percebemos que, no dia-a-dia das pesquisadas, o tempo livre, é inexistente ou, se houver, é gasto em casa, descansando.

Conforme os relatos:

M₂: "É complicado o lazer da família (...). Primeiro por questões de tempo, você chega no final de semana está cansada, que não tem ânimo para ir a lugar nenhum".

M₃: "Eu ficava no sábado e domingo organizando a casa para outra semana (...). O lazer deles era, piscina, casa de vó, e a quinta-feira ir na feira, quando íam. Esse era o lazer, porque não tinha outro (...). Eu não saio, não gosto, sou mais de ficar em casa".

M₄: "Eu fico mais em casa, não passeio. Não sobra tempo para passear. Sempre no domingo, que eu não vou na casa da minha filha, eu fico em casa descansando. Não tem muito tempo para sair (...). Assisto televisão, gosto de escutar música".

O lazer dos familiares se restringe a ir à piscina, visitar parentes, e da M₄ assistir televisão e ouvir música. Porém, a organização do cotidiano se dá de forma diferenciada, dependendo da situação sócio-econômico-cultural da família. Para as de maior poder econômico, o cotidiano é permeado de atividades que proporcionam descontração e atividades de lazer, tais como ir ao shopping, a um barzinho, passear e viajar. Isto foi destacado como de fundamental importância pelo F₃, e também pela funcionária M₁.

F₃: "Eu acho que umas férias no final do ano, no meio do ano, é fundamental. Nem que for uma semana, tem que sair".

M₁: "Quando eu estou muito cansada eu vou para um barzinho com as minhas amigas, e sento lá para conversar, depois do trabalho (...) gosto de sair. Não tenho muito tempo, mas o tempo que tenho eu curto bastante, assim de ir ao shopping, ir ao cinema, passear, ir comer fora".

No entanto, constatamos que, no grupo das pesquisadas, existe a *mulher* que, levada por suas inúmeras atribuições, não tem dado a necessária importância para esses momentos, preferindo se refugiar em seu lar, numa atitude individualista. Este comportamento não tem sido aceito pelos familiares, transformando-se em situações de conflitos e insatisfações no ambiente doméstico. É o que F₁ apontou:

" (...) eu sempre questioneei muito esta parte, porque chegava sábado e domingo,

e (...) ela nunca queria sair, nunca gostou de acompanhar a gente em nada. Acho que chega um tempo que você começa a pensar muito nisso".

Outro aspecto que foi destacado na organização do cotidiano das pesquisadas, e que influi na inter-relação trabalho/família, é a questão do relacionamento familiar. No entanto, M₁ considerou que o essencial no relacionamento familiar não é o tempo e sim o carinho que é dispensado ao marido e filhos, ou seja, o principal é a qualidade dedicada e não a quantidade da convivência. Porém, as relações e as vivências familiares não são homogêneas, estão marcadas pela história, cultura e diferenças sociais.

M₁: "Eu acho assim, que o homem, se tiver carinho, ele passa a entender as coisas. Eu procurei eliminar as críticas a ele, já que nós somos tão diferentes, e temos valores tão diferentes, eu procuro evitar qualquer tipo de crítica a ele. Faço com que os momentos que eu estou com ele sejam de conversa, de troca de idéias, procuro sair de perto quando ele está bravo, e dali a pouco está tudo bem. Então acho que, se a gente buscar algumas qualidades nossas, na relação

com o companheiro, o tempo não é fundamental. É mais a qualidade que você dá a isso".

Temos que, no âmbito da unidade doméstica, a *mulher* desenvolve determinadas estratégias de sobrevivência, de modo que o cotidiano se transforme em um ciclo vital saudável. Desta forma, no processo de organização do cotidiano a mulher

"(...) a partir do momento em que aceita uma responsabilidade fora do lar, deve distribuir seu tempo entre o emprego e suas diversas tarefas, mantendo umas e reduzindo sua dedicação a outras. Essa seleção é subjetiva, corresponde à sua percepção individual de felicidade"
(Prado, 1995, p. 237).

Encontramos, no decorrer desta pesquisa, uma funcionária, M₁, que apesar da dupla jornada de trabalho e do pouco tempo que dispõe, ainda encontra momentos para participar de outras atividades.

M₁: "Eu sou conselheira do Conselho Municipal no Partido dos Trabalhadores (...) eu também participo do Núcleo da Assistência Social (...) sou membro da Comissão de Ética do Conselho dos Assistentes Sociais (...). Se você fizer tudo, certinho, planejado é possível fazer tudo (...) eu marco tudo no papel, planejo todos os meus horários (...). Eu acho que

o mais importante para conseguir manter trabalho, família, casamento, tudo isso

*num equilíbrio
é você não ter nada forçado, não fazer
nada obrigado”.*

Analisando os dados desta pesquisa, podemos perceber que, quanto mais a mulher é instruída, mais ela trabalha, planeja e organiza o cotidiano, de forma a possibilitar sua participação em atividades nas quais ela se realiza enquanto cidadã. Sua visão é a de que, se a mulher for livre, é possível conciliar trabalho/família, participar da sociedade, realizar-se como pessoa e ser feliz.

Constatamos, pela fala da M₁, que o cotidiano da *mulher* tem se transformado, que ela ganhou autonomia em decorrência de reflexões e de novos posicionamentos tomados.

M₁: "Eu acho, que tenho revisto coisas que há dez anos atrás, eram muito diferentes, eu tinha minhas filhas pequenas, eu tinha uma vida muito grande com elas. E eu, tinha mais vínculo com ele, nas coisas que ele gostava. Então hoje, eu conquistei mais essa autonomia”.

Claramente está posto que há alguns anos, a M₁ tinha as suas funções totalmente voltadas para o lar, com maior

dedicação às filhas e marido, e hoje ela considera que conquistou sua autonomia. Ser autônoma significa ter liberdade, participar do sistema produtivo e realizar-se como ser humano.

As mudanças ocorridas no cotidiano geraram a necessidade de inserção da *mulher* no mercado de trabalho, e este passou a ser um estímulo para o desenvolvimento e uma forma de expressão da sua personalidade.

Assim, a inter-relação trabalho/família, no cotidiano das mulheres funcionárias da UCDB, tem ocorrido de forma penosa, contudo, é necessária para o crescimento e auto-realização destas e melhoria nas condições de subsistência familiar.

Por meio do trabalho, as mulheres pesquisadas têm sido ativas, produtivas, e vem interagindo e estabelecendo novas relações sociais. No ambiente trabalhista, busca-se a máxima eficiência e, no ambiente familiar, continua sendo a responsável pelos trabalhos domésticos. Desta forma, a vivência do trabalho feminino passa pela articulação das tarefas produtivas e reprodutivas, na busca do equilíbrio.

Tendo em vista a competição e a exploração dos recursos humanos existentes hoje na sociedade, as *mulheres* têm sido levadas a se qualificarem, gerando mais uma atividade em seu cotidiano. Mesmo assim, elas têm demonstrado força de vontade e expressaram seus sonhos e pretensões, sempre no sentido do

crescimento, ampliação do saber e melhoria das condições de sobrevivência familiar.

M₂: "Meu plano futuro, a curtíssimo prazo é terminar meu mestrado. Quer dizer, trabalhando sempre, porque também não dá para a gente parar. Mas, os planos de futuro, eu diria o seguinte: eu gostaria de ter um (...) de reestruturar a minha família, que de certa forma está muito fragmentada".

Preponderantemente, os desejos e preocupações das mulheres funcionárias estão voltadas para questões familiares.

M₄: "O meu desejo é descansar uns tempos, e curtir um pouco a família. Porque a gente não tem muito tempo de viver junto. Eu tenho três netas, e daqui a pouco já vão estar grandes e nem deu tempo de curtir. O meu desejo é esse, ter um pouco mais de tempo para os filhos".

O estilo de vida é uma consequência da produção dos meios de subsistência. Desta forma, a família nada mais é do que uma instituição que reproduz valores necessários à manutenção da sociedade. M₃ falou:

"Gostaria muito de poder pagar uma escola particular para meus filhos, colocar eles em uma academia, numa

computação, num curso de inglês, em vários outros cursos que eles quisessem fazer, (...) eu quero uma casa melhor para eles, quero conforto para eles, quero andar com eles o tempo todo, quero ter um carro sim, quero ter para passear com eles, viajar com eles, coisa que eu nunca fiz”.

No sistema capitalista, a ideologia da escola, sacraliza e inculca valores de dominação nos trabalhadores. Estes são levados a acreditar que a escola é uma via do seu sucesso às classes dominantes. E isto pressupõe que as pessoas aceitam os valores veiculados na sociedade capitalista, e afirmam que quem tem mais escolaridade, com certeza, terá maior progresso individual, e maiores ganhos no mercado de trabalho. Porém, a realidade hoje nos mostra, neste mundo globalizado, que pessoas altamente escolarizadas passaram a encontrar dificuldades para se incorporar à força de trabalho. A causa disto está no desemprego e na grande oferta de mão-de-obra qualificada, o que tem levado à própria desvalorização desta.

Encontramos também o tipo de mulher que na organização do cotidiano, está sempre em busca de algo mais, demonstra dinamismo e se preocupa consigo mesma, com a sua realização como pessoa humana.

M₁: "No trabalho, eu pretendo ampliar. Aprofundar um pouco mais, contribuir mais e também estudar mais, para não ficar uma prática tarefeira, para ficar uma prática fundamentada, que tenha qualidade. Para mim, eu quero fazer mais

um curso de inglês, espanhol que está me faltando hoje (...). Pretendo também, olhar mais para mim, internamente. Porque eu acho que, quando a gente entra assim numa vida tão corrida, você esquece até de você. Esquece daquilo que você quer, seus anseios, então eu acho que esse é o grande prejuízo".

A realidade pesquisada nos leva a refletir que o trabalho não tem sido apenas um meio de subsistência, mas um instrumento de criação e realização das mulheres, sujeito de nossa pesquisa. É nesse sentido que podemos dizer que estas produzem os seus meios de vida, os meios para satisfação de suas necessidades. Todavia, esse processo de satisfação das necessidades é dinâmico, pois, ao mesmo tempo em que as *mulheres* produzem os meios para a satisfação de suas necessidades, reproduzem-se como ser social.

Portanto, o processo de trabalho é determinante na qualidade de vida das mulheres funcionárias da UCDB, que, por sua vez, relaciona-se com o cotidiano familiar.

Considerações finais

Concluimos afirmando que o cotidiano é um espaço contraditório. Nele, a mulher vive momentos de exploração, dominação e alienação, mas também tem vivenciado oportunidades de libertação.

A mulher que trabalha fora de casa aprende a dominar a sua afetividade, adquire autonomia e independência financeira em relação ao marido. Cria relacionamentos e um ambiente pessoal, onde troca idéias com outras pessoas, ficando mais próxima da realidade social e política. Com freqüência, necessita da contribuição dos familiares, às tarefas domésticas. Porém, a participação destes tem sido mais sob forma de "ajuda" do que de um encargo assumido.

O que verificamos é que a mulher continua sendo articuladora, organizadora e executora das tarefas de reprodução no espaço doméstico.

A família nuclear foi moldada para ser mediada pelo homem, em sua relação com a sociedade, porém, atualmente, esta encontra-se sufocada devido às contradições e pressões da sociedade, bem como pelas mudanças e conquistas obtidas pelas mulheres, em busca da igualdade social.

Os dados registrados e analisados nesta dissertação possibilitaram destacar aspectos positivos e negativos nas relações

trabalho/família. O trabalho e o estudo têm ocupado posição de destaque, na vida cotidiana dos sujeitos de nossa pesquisa, ficando o lar e a família em segundo plano. Isso nos leva a considerar que o trabalho, para as entrevistadas, é um fator de estímulo ao seu desenvolvimento, e a melhor maneira de preencher suas vidas. O estudo é uma condição que pode favorecer o seu ingresso, permanência e ascensão no mercado de trabalho. Para elas, esta é uma questão de necessidade do momento. No entanto, o fato de estarem se dedicando mais ao trabalho e ao estudo tem sido motivo de desavenças e conflitos familiares.

O trabalho extradomiciliar desempenhado pelas mulheres funcionárias da UCDB tem contribuído para a manutenção financeira das famílias, e tem propiciado melhores condições de vida.

Em contrapartida, as mulheres, sujeito de nossa investigação, vivem um cotidiano sobrecarregando de atividades, porque continuam assumindo suas funções domésticas e executam uma jornada exaustiva de trabalho na Instituição, devido ao restrito contingente de pessoal para o volume de tarefas atribuídas a elas. Este cotidiano as tem levado, com a família, ao isolamento do contexto social.

Os familiares entrevistados reconhecem que o trabalho executado pelas pesquisadas ajuda no sustento familiar, no

entanto, gostariam que elas tivessem maior disponibilidade de tempo para convivência com a família. Entendemos que, no relacionamento e convivência familiar, o mais importante não é a quantidade de tempo disponível, e sim a qualidade desta convivência.

Verificamos, pela pesquisa, que o relacionamento familiar tem sido afetado pela situação de “stress” vivida pelas mulheres pesquisadas. Elas se reservam no ambiente trabalhista e descarregam no lar. Desta forma, consideramos que esta é uma questão que necessita ser refletida e repensada, tendo em vista a superação desta dificuldade.

A rotina do cotidiano não tem sido quebrada com atividades de lazer e/ou espaços dedicados ao consumo, devido não disporem de tempo livre. Porém, sentem-se satisfeitas por terem conseguido chegar onde estão.

Apesar disso, consideramos que as mulheres funcionárias da UCDB ainda precisam aprender a organizar o seu cotidiano de forma menos estressante e mais satisfatório, buscando um equilíbrio entre as atividades produtivas e reprodutivas.

A pesquisa levou-nos também a perceber que, às vezes, a mulher é descrita como a responsável pelo processo de desestruturação familiar e elemento ativo das mudanças operadas no cotidiano. Pela fala da M₃, verificou-se a busca de um outro modo de vida, causando oposição masculina e instalação de um quadro

conflituoso e desestruturador da família. Ocorre é que ela, ao participar do mercado de trabalho, tem exposto e ameaçado o caráter da dominação construída pelos homens.

Consideramos que, no processo de organização do cotidiano, a mulher deve distribuir seu tempo entre o emprego e suas diversas tarefas, de forma a manter as essenciais e reduzir sua dedicação a outras menos importantes.

Assim sendo, pretendemos discutir, com a UCDB e as mulheres funcionárias, a organização do seu cotidiano, na perspectiva da totalidade dos fatos. Esperamos que, da discussão, possamos, juntos, propor ações que favoreçam a melhoria das condições de trabalho e, conseqüentemente, das relações familiares, traçando diretrizes e políticas que atendam às reais necessidades das mulheres trabalhadoras da UCDB.

Bibliografia

ALBORNOS, S. *O que é Trabalho*. Coleção Primeiros Passos, 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. 103 p.

AMMANN, S. B. Mulher: trabalha mais, ganha menos, tem fatias irrisórias de poder. In: *Serviço Social e Sociedade*. São Paulo: Cortez (55), novembro, 1997, p: 84-104.

ANDRADE, M. S. de. *A situação da mulher que exerce postos de comando em uma universidade particular*. São Paulo, 1997. 218 p. Tese de Doutorado em Psicologia da Educação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez /Editora da UNICAMP, 1995. 155 p.

ARENDT, H. *A condição humana*. 8. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 352 p.

BARROS, A. de J.P. de e LEHFELD, N. A. de S. *Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 102 p.

BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 247p.

BRANDÃO, E. *Universidade e Transcendência*. Curitiba: Champgnat, 1996. 219 p.

BRUSCHINI, M.C. A. *Estrutura Familiar e Vida Cotidiana na Cidade de São Paulo*. São Paulo, 1986. 406 p. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CANIVEZ, P. *Educar o cidadão?* 2. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998. 241 p.

CANÔAS, C. S. *O olhar feminino sobre 2010*. São Paulo: TEXTO NOVO/SESC, 1997. 192 p.

CARNEIRO, C. *Sufrimento Psicológico e Conflito de Identidade Social da Mulher Trabalhadora: análise em série de casos*. Franca, 1996. 110 p. Dissertação de Mestrado em Serviço Social – Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

CARVALHO, L. Famílias chefiadas por mulheres: relevância para uma política social dirigida. In: *Serviço Social e Sociedade*. São Paulo: Cortez, (57), julho, 1998, p: 74-98.

CARVALHO, M. do C. B. de (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez /Educ, 1995. 122 p.

CERVO, A. L., BERVIAN, P.A. *Metodologia Científica*. 4. ed. São Paulo: Markon Books, 1996. 98 p.

CLEMENTE, M. L. A mulher migrante nordestina e a organização do cotidiano na dinâmica do seu grupo familiar. In: *Serviço Social e Sociedade*. São Paulo: Cortez (46), 1994, p: 35-47.

_____. *Um pensamento, uma lembrança: a mulher migrante nordestina na dinâmica do seu grupo familiar - um estudo sócio - histórico*. São Paulo, 1993. 169 p. Dissertação de Mestrado em Serviço Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

COVRE, M.L.M. *O que é cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DURHAN, E. R. A família e a mulher. In: *Cadernos C.E.R.U.* n. 18. São Paulo: USP/Centro de Estudos Rurais e Urbanos, maio 1983.

ECO, U. *Como se faz uma tese*. 14. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 170 p.

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. (Tradução de Leandro Konder). 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 224 p.

FERRETTI, C. J. et all (organizadores). *Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: um debate multidisciplinar*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 220 p.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994. 159 p.

GRANJO, M. H. B. *Agnes Heller: Filosofia, moral e educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 124 p.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 224 p.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 121 p.

ITANI, A. *Subterrâneos do Trabalho: Imaginário Tecnológico no Cotidiano*. São Paulo: Hucitec - FAPESP, 1997. 252 p.

JOSÉ FILHO, Pe. M. *A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania*. Franca: UNESP/SP, 1998. 295 p.
Tese de Doutorado em Serviço Social - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP/SP.

KALOUSTIAN, S. M. (org.). *Família brasileira: a base de tudo*. São Paulo: UNICEF/Cortez, 1994. 183 p.

KARSCH, U.M.S. *O Serviço Social na era dos serviços*. São Paulo: Cortez, 1987. 183 p.

KONDER, L. *O que é dialética*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 87 p.

KOSIK, K. *Dialética do concreto*. 6ª reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 248 p.

LEHFELD, N. A. de S. Aportes metodológicos à pesquisa científica: concepções, dimensões e procedimentos investigativos. In: *Cultivando a pesquisa - reflexões sobre a investigação em ciências sociais e humanas*. Franca: UNESP, fevereiro. 1998. p. 41-51.

LOPES, J. R. Das famílias "desestruturadas" às famílias "recombinadas": transição, intimidade e feminilidade. In: *Serviço Social e Sociedade*. São Paulo: Cortez, (46), 1994, p: 5-18.

LUCKESI, C. et al. *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1986. 232 p.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E.D.A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

LUNA, S. V. *Planejamento de Pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1998. 108 p.

MARX, K. *O Capital*. 7. ed. (edição resumida) Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980. 395 p.

MARX, K., e ENGELS, F. *Obras escolhidas*. v.1. São Paulo: Alfa - Ômega, 1953, 381 p.

MINAYO, M. C. de S. (org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 80 p.

Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 5. ed. São Paulo/Rios de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1998. 269 p.

MONTEIRO, M. P. *Mulher profissão mulher*. Petrópolis: Vozes, 1990. 87 p.

MURARO, R. N. *Mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

NETTO, J. P. e FALCÃO, M. do C. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo: Cortez, 1987. 93 p.

NICOLAU, M. C. C. *Trabalho, Representações Sociais*. In: "Educação e Representações Sociais". XIII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste. Coleção EPEN, vol. 17, Editora da UFRN, Natal/RN, 1997.

OFFE, C. *Capitalismo desorganizado: transformações contemporâneas do trabalho e da política*. São Paulo: Brasiliense, 1995. 322 p.

PATTI, E.A. de M.R. *Mulher: educação, sexualidade e trabalho*. Franca, 1997. 187 p. Dissertação de Mestrado em Serviço Social - Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

PENA, M. V. J. *Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 227 p.

PRADO, D. *Esposa: a mais antiga profissão*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. 289 p.

_____ *O que é família*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos: 50, 1995. 92 p.

- RODRIGUES, M. V. C. *Qualidade de vida no trabalho*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. 206 p.
- RODRIGUES, M. L. e NEVES, N. P. (org.). *Cultivando a pesquisa: reflexões sobre a investigação em ciências sociais e humanas*. Franca:UNESP, 1998. 63 p.
- ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez/Educ, 1995, p.73-88.
- SADER, E. *Quando novos personagens entraram em cena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 329 p.
- SAMARA, E. de M. *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo: Marco Zero Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989. 193 p.
- SAMARA, E. de M. SOIHET, R., MATOS, M. I. S. de. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997. 114p.
- SANTOS, M.M. *Mulher operária: trabalho, cotidiano e indústria cultural*. Franca, 1997. 214 p. Tese de Doutorado em Serviço Social Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 20. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 1996. 272 p.
- SILVA, L. M. M.R. da. *Serviço Social e família: a legitimação de uma ideologia*. São Paulo: Cortez, 1982. 176 p.

SILVA, M. V. *Violência contra a mulher: Quem mete a colher?*
São Paulo: Cortez, 1992. 180 p.

SOUZA, M. C. de. *Mulher em Ação*. Rio de Janeiro: Rosa dos
Tempos, 1998. 157 p.

SPINK, M. J. (org). *O conhecimento no cotidiano: as
representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*.
2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. 311 p.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais
– a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas,
1987. 175 p.

VIEZZER, Moema. *O problema não está na mulher*. São Paulo:
Cortez, 1989. 173 p.

ANEXO I

Roteiro das entrevistas com as mulheres

1. Qual é a sua idade?
2. Qual é o seu estado civil?
3. Se é casada, a quanto tempo?
4. Você possui filhos? Quantos?
5. Qual é o seu grau de instrução? Você está satisfeita com ele?
6. De forma geral, como você descreveria sua vida?
7. Fale um pouco sobre as suas atividades diárias.
8. Na sua vida diária, o que é mais importante para você?
Casamento, Trabalho, Estudo, Família. Por quê?
9. Há quanto tempo você trabalha na Universidade?
10. Qual é a sua função?
11. Você sente-se satisfeita quanto ao desempenho de suas funções? Por quê? Como é a sua relação de trabalho com os colegas?
12. Como é o teu trabalho?
13. O que significa trabalhar fora de casa? O que isto representa para você?
14. Você acredita que seu trabalho é importante para os outros? Por quê?
15. Você considera que o seu trabalho fora de casa está proporcionando melhoria nas condições de vida da sua família?
16. O fato de você trabalhar fora atrapalha a sua vida familiar?

17. Fale um pouco sobre seu trabalho de casa.
18. Que significado que tem sua família para você?
19. Sente-se bem quando está em família?
20. Como se dá a comunicação entre os membros familiares?
21. Como é a participação dos membros familiares nas atividades domésticas?
22. Fale sobre o lazer na família.
23. Além dos seus afazeres familiares e do trabalho fora de casa, você participa de alguma outra atividade?
24. Como você ocupa o seu tempo livre?
25. O que você mais deseja atualmente, em relação ao seu trabalho fora de casa e em relação à sua família? Quais são seus planos daqui para frente?

ANEXO II

Roteiro das entrevistas com os familiares

1. Qual a relação de parentesco com a.....?
2. Quantos anos você tem?
3. Qual é o seu estado civil? Há quanto tempo?
4. Qual é o seu grau de instrução? Você está satisfeito (a) com ele? Ou gostaria de continuar estudando?
5. Qual é sua profissão? O que faz?
6. De forma geral, como você descreveria a vida diária da sua esposa/mãe? E dos outros membros da família?
7. Quantos trabalham na família?
8. O que você acha da sua mulher/mãe trabalhar fora de casa?
9. O salário da mulher/mãe ajuda no sustento familiar? Ou é apenas para gastos pessoais dela?
10. O trabalho da sua mulher/mãe tem proporcionado melhoria nas condições de vida da família, ou tem sido motivo de conflitos?
11. Você considera que o fato da sua mulher/mãe trabalhar fora tem trazido modificações para ela? E para você?
12. Qual a importância da tua família para você?
13. Sente-se bem na família?
14. Como é o relacionamento familiar?
15. Como é a participação dos membros familiares nas atividades domésticas?
16. Como você ocupa o seu tempo livre?
17. Como é o lazer na sua família?